

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS - MG

Instituto de Ciências da Natureza

Curso de Geografia – Bacharelado

ITALO CHEESMAN BARBOSA NASCIMENTO

**A IMPORTÂNCIA DA AGRICULTURA FAMILIAR
PARA A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS: UM ESTUDO
DAS FEIRAS LIVRES NO MUNICÍPIO DE ALFENAS**

Unifal
Universidade Federal de Alfenas

Alfenas – MG

2023

ITALO CHEESMAN BARBOSA NASCIMENTO

**A IMPORTÂNCIA DA AGRICULTURA FAMILIAR
PARA A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS: UM ESTUDO
DAS FEIRAS LIVRES NO MUNICÍPIO DE ALFENAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como parte dos requisitos
para obtenção do grau de Bacharel em
Geografia pelo Instituto de Ciências
da Natureza da Universidade Federal
de Alfenas- MG, sob orientação do
Prof. Dr. Flamarion Dutra Alves.

Alfenas – MG
2023

Banca Examinadora

Prof. Dr. Flamarion Dutra Alves
Orientador

Profª. Drª. Ana Rute do Vale (UNIFAL-MG)
Avaliadora 01

Profª Me. Larissa Chiulli Guida (USP)
Avaliadora 02

Alfenas (MG), 25/07/2023.

Resultado

Resumo

O trabalho em questão tenta estabelecer uma relação da importância da produção de alimentos pela agricultura familiar comercializados nas feiras livres de Alfenas-MG, demonstrando o quanto esse modelo corrobora para o fortalecimento econômico e alimentar do município. Assim, um dos objetivos do trabalho foi analisar as transformações no campo e seus impactos na produção de alimentos e na comercialização nas feiras livres, visando identificar se os feirantes em Alfenas são agricultores familiares. Para tal, a pesquisa está dividida entre parte teórica-conceitual, que trata do conceito de espaço rural, agricultura familiar e ruralidade e a parte empírica, isto é, a realização de trabalhos de campo em três feiras livres de Alfenas entre 2022 e 2023, com entrevistas com consumidores e feirantes. Por fim, neste trabalho, partiu-se do pressuposto que as feiras livres do município, importantes espaços de comercialização, contam presença importante da agricultura familiar, apesar deste modelo produtivo não mais ser predominante em sua organização.

Palavras-chave: Ruralidade, Sul de Minas, Produtores, Feirantes, Geografia Agrária.

Abstract

The work in question tries to establish a relationship of the importance of food production by family farming marketed in the free fairs of Alfenas-MG, demonstrating how much this model corroborates for the economic and food strengthening of the municipality. Thus, one of the objectives of the work was to analyze the transformations in the field and their impacts on food production and marketing at free fairs, aiming to identify whether the marketers in Alfenas are family farmers. To this end, the research is divided into a theoretical-conceptual part, which deals with the concept of rural space, family farming and rurality and the empirical part, that is, the realization of fieldwork in three free fairs in Alfenas between 2022 and 2023, with interviews with consumers and marketers. Finally, in this work, it was assumed that the free fairs of the municipality, important marketing spaces, have an important presence of family farming, although this productive model is no longer predominant in its organization.

Keywords: Rurality, South of Minas Gerais, Producers, Marketers, Agrarian Geography

Lista de ilustrações

Figura 01 – Mapa de Localização do município de Alfenas.....	14
Figura 02 – Gráfico 1: Escala de análise nas pesquisas sobre Agricultura Familiar na revista Campo-Território, 2007-2021.....	34
Figura 03 – Gráfico: Dimensões de análise nas pesquisas sobre Agricultura Familiar na revista Campo-Território, 2007-2021	36
Figura 04 – Gráfico 3: Artigos publicados por ano nas pesquisas sobre Agricultura Familiar na revista Campo-Território, 2007-2021	37
Figura 05 – Gráfico 4: Quantidade de artigos publicados por estados nas pesquisas sobre Agricultura Familiar na revista Campo-Território, 2007-2021.....	34
Figura 06 – Mapa do número de artigos publicados dentro da temática da agricultura familiar por Estados e Regiões do país	38
Figura 07 – Imagem 1: Tabela de características da Estrutura Fundiária no Município de Alfenas – MG (2017).....	43
Figura 08 – Imagem 2: Mapa Localização das Feiras Livres do Município de Alfenas analisadas	45
Figura 09 – Gráfico 5: Gênero dos feirantes na Feira Livre de Quarta-feira.....	47
Figura 10 – Gráfico 6: Quantidade de Pessoas que Trabalham por Barraca na Feira Livre de Quarta-Feira.....	47
Figura 11 – Gráfico 7: Utilização de agrotóxicos nos alimentos vendidos na Feira Livre de Quarta.....	49
Figura 12 – Imagem 1: Barraca de alimentos da Feira Livre de Sábado.....	50
Figura 13 – Imagem 2: Barraca de alimentos da Feira Livre de Sábado.....	51
Figura 14 – Gráfico 8: Gênero dos feirantes na Feira Livre de Sábado.....	52
Figura 15 – Gráfico 9: Quantidade de pessoas que trabalham por barraca na Feira Livre de Sábado.....	52

Figura 16 – Gráfico 10: Utilização de Agrotóxicos nos alimentos vendidos na Feira Livre de Sábado	54
Figura 17 – Imagem 3: Barraca de Alimentos da Feira Livre de Domingo.....	56
Figura 18 – Gráfico 11: Gênero dos feirantes na Feira Livre de Domingo.....	57
Figura 19 – Gráfico 12: Quantidade de pessoas que trabalham por barraca na Feira Livre de Domingo.....	58
Figura 20 – Gráfico 13: Utilização de Agrotóxicos nos alimentos vendidos na Feira Livre de domingo.....	60

Lista de Tabelas

Tabela 01	43
Tabela 02	54
Tabela 03	59

Lista de Siglas

ASBRAER.....Associação Brasileira de Entidades Estaduais de Assistência Técnica e Extensão Rural

AFFLA.....Associação dos Feirantes da Feira Livre de Alfenas

IBGE.....Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CONAB.....Companhia Nacional de Abastecimento

PRONAF.....Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PAA.....Programa de Aquisição de Alimentos

PNAE.....Programa Nacional de Alimentação Escolar

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. METODOLOGIA.....	15
3. AGRICULTURA FAMILIAR E SUAS DIMENSÕES DE ANÁLISE	157
3.1 Agricultura Familiar.....	178
3.2 Ruralidade	188
3.3 Geografia Agrária	20
3.4 Agricultura familiar no século XXI: aspectos socioeconômicos, socioculturais e políticos	21
3.4.1 Agricultura familiar no século XXI: resultados das análises feitas a partir dos artigos publicados na revista campo-território (2007 – 2021)	322
4. AGRICULTURA FAMILIAR E FEIRAS LIVRES EM ALFENAS	410
4.1 Feira livre e espaços de comercialização.....	41
4.2 As feiras livres sob a ótica dos produtores	46
4.2.1 A feira livre da praça Rachid Bichara Saliba (quarta-feira)	46
4.2.2 A feira livre do Bairro Pinheirinho (sábado)	50
4.2.3. A feira livre do Centro (domingo)	55
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS	62

1. INTRODUÇÃO

A agricultura familiar no Brasil possui grande importância no que tange à produção de alimentos para consumo nacional. Entretanto, devido ao avanço do capitalismo, à tecnificação, ao aumento das grandes propriedades e à mecanização nos processos produtivos do campo, esse modelo de produção tem se reorganizado e buscado novas formas de resistência frente ao crescente monopólio territorial do agronegócio. Todavia, apesar das dificuldades enfrentadas pelos produtores, a agricultura familiar é de suma importância para fortalecer a segurança alimentar e nutricional da população brasileira, uma vez que seus produtores são responsáveis pela produção de 70% dos alimentos consumidos no país (ASBRAER, 2017).

Além disso, é importante destacarmos, ainda, as especificidades e características de seus processos produtivos, pois a agricultura familiar, além de fomentar a geração de renda e emprego no campo, se destaca pelo alto grau de sustentabilidade em suas técnicas e manejo. Nesse sentido, Schneider (2009) afirma que o processo de produção camponês é formulado de maneira relativamente autônoma e historicamente garantida, pois cada aspecto da produção é organizado diante dos recursos produzidos e reproduzidos de ciclos passados.

Isto posto, no que diz respeito à figura do agricultor familiar, sabe-se que, em consonância com Carneiro (2008), sua imagem, consolidada na psique dos estudiosos, permanece intrínseca na representação do campo, não somente para estes, mas também no imaginário da população urbana. Imagem esta que, em uma análise mais profunda, associa-se aos conceitos de “rural” e “urbano”, que também são cristalizados socialmente. À vista disso, a fim de que compreendamos a dinâmica e as problemáticas envolvidas na produção agrícola de origem familiar, é necessário que desdobremos as múltiplas significações desses conceitos.

De acordo com Rúa (2002), apesar de muitas vezes associados ao atraso e à não civilização (vistos, por exemplo, na famosa imagem do “Jeca Tatu” de Monteiro Lobato), os espaços rurais, atualmente, devem ser compreendidos como parte da espacialidade do capitalismo moderno, a fim de que sejam visualizadas as relações de poder existentes entre as diferentes esferas sociais. Nas palavras do autor:

O campo (e o rural) vem sendo percebido, já há algum tempo, como mercadoria (terra-mercadoria), capaz de gerar, graças ao trabalho, outras mercadorias, além das rendas obtidas pela especulação. Atualmente, a essas condições já tradicionais, são incorporados novos papéis, integrados a um movimento de ressignificação do rural, em que a natureza e as “atratividades” do campo, tornam-se mercadorias valiosas. Não se trata apenas da terra ou do trabalho a ela incorporado. Trata-se de novos atributos, muitas vezes imateriais, em que valores ligados à natureza, à paisagem, à exploração do trabalho em áreas rurais, obrigam-nos a repensar a própria teoria da renda da terra. O capitalismo recria um rural, capaz de lógicas complexas, integrar-se, desigualmente, às múltiplas escalas que marcam as interações espaciais do mundo atual. (RUA, 2006, p.83)

Para Carneiro, por sua vez, (1998), no mundo contemporâneo, não se pode entender o conceito de ruralidade apenas a partir da inserção do rural no universo do urbano x industrial, pois os sujeitos dos espaços urbanizados têm consolidado uma visão, resultante de ideologias da sociedade industrial, tradicional do “rural”, ligada ao consumo dos bens simbólicos, ecológicos, materiais. Sendo assim, além de tentarmos uma outra abordagem para mensurar o que é “rural” e “urbano”, ou taparmos essas avarias culturais que estão ligadas às expressões sociais, devemos partir do ponto de vista dos agentes que vão operacionalizar essas interações, que podem ser geradas no campo ou no urbano. São exemplos: a pluriatividade, os neo-rurais, a cultura do *country*, etc.

No que concerne ao recorte espacial da presente pesquisa, a região Sul Mineira, especificamente o município de Alfenas-MG, sabe-se que, segundo Alves (2018), nessas localidades, os ambientes ruralizados conformam uma considerável parcela do Estado, e, além disso, preservam aspectos socioculturais típicos que, muito dificilmente, são encontrados em regiões metropolitanas. As feiras livres, nesse contexto, além de representarem um importante traço rural ainda presente nos centros urbanos, se analisadas com atenção, demonstram uma dinâmica interacional entre o campo e a cidade no contexto capitalista, de modo semelhante às reflexões propostas por Rua (2002).

Ademais, uma vez realizadas as devidas reflexões, o presente trabalho tem como objetivo geral compreender o papel da agricultura familiar na produção de alimentos e a presença nas feiras livres de Alfena e, como objetivos específicos, discutir as características da agricultura familiar e da ruralidade no contexto brasileiro e, também, caracterizar o perfil dos feirantes em Alfenas.

Esses objetivos se justificam pela importância da produção de alimentos advindos da mão de obra familiar, a fim de compreender qual o papel e presença da agricultura

familiar na produção e comercialização nas feiras livres do município de Alfenas, considerando sempre, as discussões e conceituações de ruralidade e urbanidade.

As feiras livres carregam aspectos e saberes da cultura local e auxiliam no desenvolvimento econômico e sociocultural do município, além de terem se consolidado como um ponto de encontro dos alfenenses e outros visitantes. Além disso, na presente monografia, serão discutidos elementos que comprovam que as feiras e a produção familiar reforçam e preservam, diante das ofensivas das redes de produção intensivas, na cidade de Alfenas, traços da cultura local e da produção alimentícia tradicional que, na conjuntura atual da sociedade, cada vez mais, são negligenciados. Isto posto, porque este trabalho é relevante?

Sabe-se que, no mundo atual, são constantes as transformações tanto nas formas de produção quanto nas formas de comercialização dos produtos agrícolas. A geografia, como ciência que estuda os elementos físicos, biológicos e humanos e a relação dos mesmos com a superfície terrestre, é responsável por compreender essas mudanças, uma vez que se situam no espaço. Além disso, considerando a força da globalização e os novos aparatos inseridos no campo, elementos típicos do meio técnico-científico-informacional, a presente monografia justifica-se, também, pela necessidade de compreender e de demonstrar como, apesar do avanço da tecnologia, surgem novas maneiras de se fazer agricultura.

Ademais, considerando que, muitas vezes, a população e a cultura rural são estigmatizadas e desvalorizadas socialmente, a pesquisa torna-se importante pois, a partir dos seus resultados, poderá demonstrar e enfatizar a importância socioeconômica e cultural da agricultura familiar, carregada de elementos do meio rural, tradicional. Para mais, a importância do projeto encontra-se, também, no fato de que, por meio do mesmo, poderá ser diagnosticada a importância das feiras livres no município de Alfenas na a produção local de alimentos.

Por meio deste estudo, portanto, buscamos demonstrar como se desenvolve a atuação dos agricultores familiares na produção dos alimentos comercializados nas feiras livres do município, a fim de, além de determinar a importância dessa atuação para a economia local.

Além disso, a fim de chegarmos ao objetivo maior, também foram diagnosticados alguns aspectos culturais identitários característicos das feiras locais e o impacto dos mesmos no cotidiano dos munícipes. Ainda, consideramos as relações entre o Agronegócio, a produção de alimentos e a agricultura familiar no ambiente de Alfenas-

MG. Por fim, objetivamos categorizar quantitativamente, a partir de questionários aplicados, os feirantes, sua relação com o espaço rural e com a produção e venda dos alimentos.

O município de Alfenas-MG está localizado na região Sul do Estado de Minas Gerais e faz parte da mesorregião do sul e sudoeste de Minas Gerais, como microrregião homônima. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), Alfenas conta com uma população estimada de 78.970 habitantes, contendo uma área territorial de 850 km² (Figura 1).

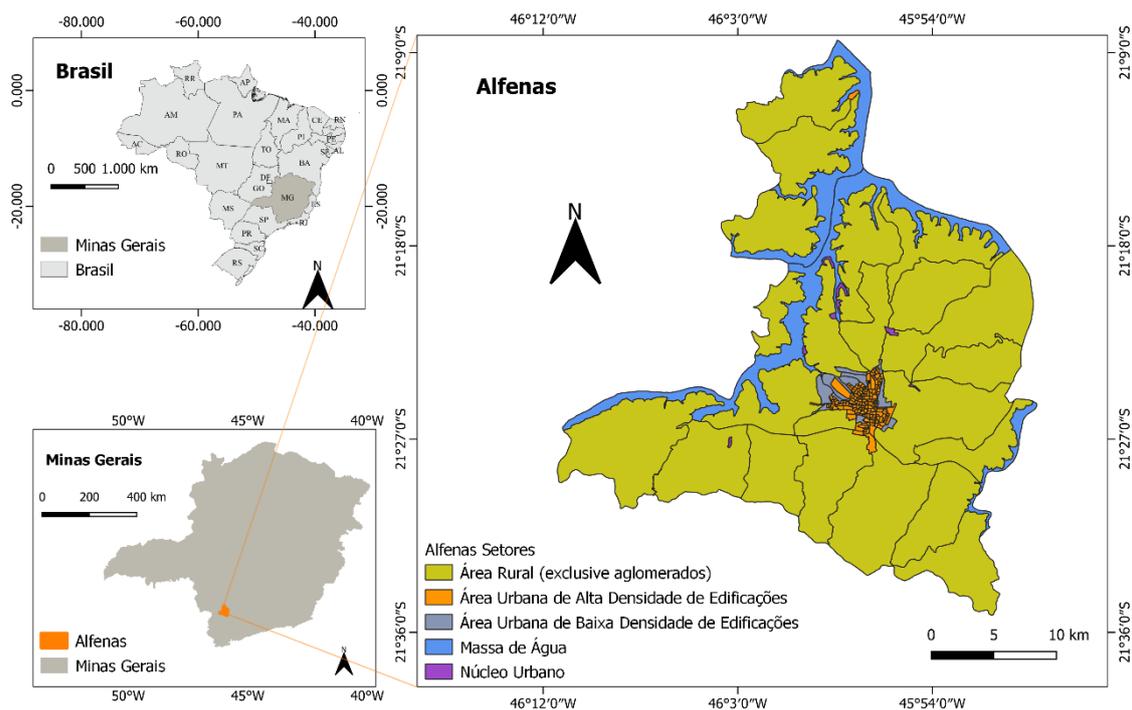


Figura 1 – Mapa de localização do município de Alfenas – MG.
Elaboração: O autor.

2. METODOLOGIA

Objetivou-se na pesquisa proposta, analisar e descrever de que formas se desenvolvem as dinâmicas da agricultura familiar no município de Alfenas-MG, tendo como recorte as feiras livres da cidade, com intuito de analisar a importância da produção de alimentos advindos da agricultura familiar.

A organização da pesquisa se deu em vários momentos da formação do autor, sendo utilizado pesquisas do estágio curricular do curso de Geografia Bacharelado, acerca da ruralidade e aspectos socioculturais das feiras livres de Alfenas, realizado em 2022, utilizou-se a pesquisa de iniciação científica, com bolsa PIBIC CNPq, sobre a produção bibliográfica da agricultura familiar no Brasil no século XXI, realizada entre 2022 e 2023, tendo como base a revista Campo-Território e por fim, a pesquisa empírica, bibliográfica e análise de dados no ano de 2023.

O trabalho foi realizado com viés qualitativo e quantitativo, tendo em vista que, para além de utilizar estatísticas e gráficos, esta abordagem considerará as particularidades e complexidades desse grupo sociocultural, que carrega herança popular e patrimonial do país.

Na etapa conceitual da pesquisa, discutimos, com base em uma bibliografia específica, a importância da agricultura familiar, das feiras livres como espaço de comercialização direta e, também, a presença da ruralidade nas cidades em regiões não-metropolitanas.

Pesquisou-se nos Trabalhos de Conclusão de Curso em Geografia da UNIFAL-MG, pesquisas acerca da Feira Livre, e foram encontrados 3 trabalhos (CODIGNOLI, 2011; OLIVEIRA, 2015; BATICINI, 2019). Além disso, analisamos, ainda, as questões socioculturais presentes nas feiras livres. Isto posto, é importante enfatizarmos que, para além dos métodos tradicionais de pesquisa bibliográfica, empregamos, no trabalho, pesquisas de campo, visando o levantamento de dados a partir de entrevistas, que foram analisadas qualitativamente e quantitativamente. Por fim, buscamos, ainda, por meio de leitura bibliográfica e aplicação de questionários, observar como a ruralidade está inserida no perímetro urbano.

Ainda no que concerne ao estudo bibliográfico, utilizamos, como base de parte das análises, os artigos publicados na revista Campo-território dentro da temática da agricultura familiar. A partir da leitura destes, elaboramos um esquema de comparação das publicações feitas entre os anos de 2007 e 2021. Nos artigos selecionados para

classificação, foram analisadas as dimensões política, econômica, socioeconômica, sociocultural e ambiental.

A partir do mesmo levantamento, e a fim de compreender as dinâmicas da agricultura familiar de modo amplo, ainda foram construídas as seguintes escalas de estudos dos artigos publicado: local, regional, nacional e global. Para mais, buscando um maior aprofundamento nas respectivas conceituações da agricultura familiar, foi feito um levantamento de publicações por ano e estados. Com isso, foram elaborados gráficos para uma comparação estatística dos respectivos dados obtidos com o levantamento. Por fim, utilizando todo aparato bibliográfico em junção aos dados obtidos, formulou-se um mapa, com intuito de ilustrar a quantidade de artigos publicados na revista campo-território por cada estado brasileiro sobre a temática da agricultura familiar.

Posto isto, no que diz respeito à análise específica, no contexto de Alfenas-MG, foram investigadas as dinâmicas das seguintes feiras: a Feira de Domingo no centro da cidade, a Feira de Quarta na praça da Saliba e a Feira de Sábado no bairro Pinheirinho. A escolha de diferentes feiras mostrou, dentre outros, diferenças de público consumidor, feirantes e características desses eventos.

Portanto, levando em consideração as informações já descritas, para que fosse possível organizá-las de forma metodológica, realizamos um levantamento de informações por meio de entrevistas estruturadas, isto é, com perguntas fechadas e previamente formuladas. Para tal, foram seguidos os seguintes passos:

- Realização de entrevistas com os produtores locais;
 - a. produtor e vendedor de alimentos advindos da agricultura familiar;
 - b. produtores pertencentes ao ciclo de trabalhadores locais das feiras livres de Alfenas;
 - c. ambos os sexos;
 - d. criação de um banco de dados sistematizado e digitalizado com as entrevistas.
- Levantamento de dados;
 - a. pesquisa bibliográfica em textos e artigos;
 - b. pesquisa nos bancos de dados do IBGE;
 - c. consulta em sites de órgãos públicos e privados do município.

3. AGRICULTURA FAMILIAR E SUAS DIMENSÕES DE ANÁLISE

3.1 Agricultura Familiar

De acordo com Schneider e Nierdeler (2008), muito embora o “agricultor familiar” seja genericamente concebido e compreendido apenas enquanto um sujeito que vive e produz no campo, em conjunto a sua família, percebe-se que, no contexto brasileiro, são múltiplas e heterogêneas as formas de produção/trabalho familiar. Por isso, apesar de usualmente classificadas como “agricultura familiar”, estas podem ser abordadas e compreendidas sob diferentes olhares, a depender dos contextos socioeconômicos e culturais sob os quais se assentam.

Além disso, “agricultor familiar”, de acordo com o art. 3º da lei 11.326, de 2006, é todo empreendedor rural que pratique atividades no campo e que não tenha, a qualquer título, área maior que 4 (quatro) módulos fiscais, além de utilizar predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento. Para mais, o agricultor familiar deve obter um percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento, na forma definida pelo Poder Executivo, (III, art. 3º, Lei nº 12.512, de 2011).

Ainda sob a égide dos mesmos autores, é válido ressaltar que todas as formas de produção familiar, ainda que distintas entre si, são perpassadas e influenciadas pelas clássicas relações sistêmicas do capitalismo, isto é, pela lógica de acumulação de capital, produção e consumo de outros bens. De outro modo, pode-se dizer que as propriedades rurais tendem a seguir os padrões e lógicas de mercado para que se consiga vender seus produtos, em decorrência disso, por seus modos de organização social do trabalho. Assim:

[...] entende-se que a forma de acesso à terra e os modos de organização do trabalho e da produção são dimensões fundamentais à compreensão da evolução das formas familiares ao longo do tempo bem como dos processos que respondem por sua diferenciação e interação social. (SCHNEIDER E NIERDELER, 2008, p. 991)

De outro modo, pode-se dizer que, em estudos e pesquisas que abordem a agricultura familiar, é importante que sejam considerados aspectos históricos e sociais, tais como as formas de conexão e acesso à terra. Se um agricultor, por exemplo, é dono da terra na qual produz, muito provavelmente, sua relação com esta será diferente daquele

que cultiva numa propriedade que não é sua. Todos esses aspectos, como anteriormente dito, inegavelmente atrelam-se ao sistema capitalista e às suas estruturas.

Na sequência, é importante destacar que o conceito de “agricultura familiar” é recente, pois apenas na década de 1990, a partir de um conjunto de reivindicações sindicais por melhorias de preço, créditos, regulamentação constitucional da previdência social rural, entre outros, passou a ser utilizado (SCHNEIDER E NIERDELER, 2008). Antes disso, de acordo com os autores, os “termos usualmente utilizados para qualificar essas categorias sociais eram os de pequeno produtor, produtor de subsistência ou produtor de baixa renda” (SCHNEIDER E NIERDELER, 2008, p. 990).

Por fim, muito embora as distintas formas de produção familiar tenham surgido a partir de semelhantes meios de acesso e ocupação do interior brasileiro, ainda que por diferentes agentes (ex-escravizados, descendentes de povos tradicionais, povos tradicionais, imigrantes etc.), Schneider e Nierdeler (2008), pontuam, ainda, uma possível diferenciação entre os termos “camponês” e “agricultor familiar”. Entretanto, as diferentes formas como estão inseridos no mercado, os diferentes modos de vida e relação com a natureza compõem uma agricultura familiar camponesa, de base familiar, na pequena propriedade e com vínculos significativos com a natureza.

3.2 Ruralidade

Primeiramente, no presente trabalho, segue-se a lógica de que o mundo rural não pode ser compreendido de forma isolada, isto é, afastado da realidade urbana e de fenômenos históricos, tais como a globalização e o avanço das TIC (tecnologias da informação), que, inegavelmente, influenciam e impactam as ruralidades. Ainda nesse sentido, considera-se que a ruralidade, enquanto conceito, possui características materiais e imateriais e que, por isso, adentra-se, relaciona-se e está presente, também, dentro de espaços que, tradicionalmente, fazem parte dos perímetros urbanos (ALVES, 2021). À vista disso, pois, “falar de ruralidade é falar da compreensão das cidades, ou seja, de como foram sendo criadas cidades e de como estão organizadas” (ALVES, 2021, p. 29).

No mesmo ângulo, autores como Carneiro (1998) afirmam que o espaço rural e a ruralidade, atualmente, não mais podem ser definidos apenas com base nas produções agrícolas, pois muitos indivíduos que trabalham nos meios agrícolas exercem, também, outras atividades. Isto é, vivem em regime de pluriatividades num cenário de intensas trocas e fluxos com o mundo urbano. Nas palavras da autora:

Esse conjunto de reflexões nos leva a pensar a ruralidade como um processo dinâmico de constante reestruturação dos elementos da cultura local com base na incorporação de novos valores, hábitos e técnicas. Tal processo implica um movimento em dupla direção no qual identificamos, de um lado, a reapropriação de elementos da cultura local a partir de uma releitura possibilitada pela emergência de novos códigos e, no sentido inverso, a apropriação pela cultura urbana de bens culturais e naturais do mundo rural, produzindo uma situação que não se traduz necessariamente pela destruição da cultura local mas que, ao contrário, pode vir a contribuir para alimentar a sociabilidade e reforçar os vínculos com a localidade. (CARNEIRO, 1998, p. 61)

Outrossim, apesar da tradicional e estereotipada visão do rural enquanto “atrasado”, reafirmada, por exemplo, pela criação de personagens como o famoso Jeca Tatu, o presente projeto parte da ideia de que a ruralidade deve ser compreendida espacialmente e, além disso, analisada em suas dimensões políticas, econômicas, ambientais e culturais (ALVES, 2021) a fim de que seja demonstrada a sua importância nas múltiplas dinâmicas da sociedade.

À vista disso, é importante destacar, em consonância ao pensamento de Rúa (2006), que, inegavelmente, no que diz respeito à segregação entre as concepções de rural e urbano, a força capitalista é um dos principais agentes. De acordo com o autor (2006, p.83):

O campo (e o rural) vem sendo percebido, já há algum tempo, como mercadoria (terra-mercadoria), capaz de gerar, graças ao trabalho, outras mercadorias, além das rendas obtidas pela especulação. Atualmente, a essas condições já tradicionais, são incorporados novos papéis, integrados a um movimento de ressignificação do rural, em que a natureza e as “atratividades” do campo, tornam-se mercadorias valiosas. Não se trata apenas da terra ou do trabalho a ela incorporado. Trata-se de novos atributos, muitas vezes imateriais, em que valores ligados à natureza, à paisagem, à exploração do trabalho em áreas rurais, obrigam-nos a repensar a própria teoria da renda da terra. O capitalismo recria um rural, capaz de, participar de lógicas complexas, integrar-se, desigualmente, às múltiplas escalas que marcam as interações espaciais do mundo atual.

Por fim, apesar da crença e da reafirmação capitalista de que o destino do espaço rural, inegavelmente, é o desaparecimento, uma vez que a ruralidade (“menos avançada, menos tecnológica e menos produtiva”), em teoria, não passa de um “estágio anterior da civilização” (VEIGA, 2004), percebe-se, a partir de estudos e de análises das ruralidades que consideram mais do que dos tradicionais perímetros rural x urbano que, de múltiplas

formas, aspectos tradicionais e culturais típicos do “meio rural” (festividades, feiras livres, traços linguísticos, entre outros), muito embora reformulados e com novas roupagens, resistem e persistem no mundo atual. O presente projeto, nesse mesmo sentido, busca demonstrar, valorizar e reafirmar de que modo traços característicos destas ruralidades sobrevivem e subsistem no município de Alfenas, Minas Gerais, seja na presença de feiras livres, eventos e festividades rurais, tradições e outros aspectos socioculturais e econômicos.

3.3 Geografia Agrária

O presente trabalho situa-se no universo da Geografia Agrária. Por isso, faz-se necessário realizar uma retomada história a fim de compreender como esta área se reafirmou dentro da Geografia como um todo.

Segundo Diniz (1984), a Geografia Agrária, ou Geografia da Agricultura, sempre esteve atenta à caracterização dos lugares em função de atributos agrícolas. Ainda de acordo com autora, apesar das variações em sua definição, seu caráter espacial encontra-se cristalizado, isto é, faz-se presente em todas as suas acepções. À vista disso, nas palavras de Fauchner (1953, pp. 11-12, apud DINIZ, 1984, p. 30)

[...] a natureza dos produtos, as condições econômicas de sua obtenção, o modo de vida dos agricultores, as características e as transformações da paisagem rural constituem seu objeto particular.

Na mesma lógica, Ramon (1974, p.238 apud DINIZ, 1984, p. 30) afirma que, dentre os principais objetivos da Geografia Agrária, também chamada de Geografia Agrícola ou Geografia da Agricultura, destaca-se “o estudo das configurações espaciais criadas pelas atividades agrícolas, tentando explicar, de modo sistemático, os aspectos locacionais e as interações espaciais existentes nessas atividades”.

Ademais, de acordo com Ferreira (2001), autores como Migliorini (1950) afirmavam que a Geografia Agrária era uma vertente da Geografia Econômica, pois além de uma relevância teórica e uma valorização prática, evidenciava-se, também, a avaliação das transformações de baixo e alto grau em determinadas culturas devido às influências do mercado. Além disso, ainda de acordo com Ferreira (2001), para Migliorini (1950), a Geografia Agrária tinha como indagação primária o estudo do conjunto de inquietações

dos aspectos fisiográficos aos econômicos. Seu intuito, por fim, era de descrever os aspectos físicos de uma determinada área de estudo, incluindo a paisagem agrária como objeto de pesquisa.

Outrossim, em consonância com Ferreira (2001), outro autor que elucida e descreve a Geografia Agrária é Waibel (1979). Conforme este pensador, essa área da Geografia é denominada de acordo com uma preocupação com a distinção espacial da agricultura. Waibel (1979, apud FERREIRA, 2001), considerava a agricultura um fenômeno da paisagem, podendo-se ter variados métodos e maneiras de descrição. Além disso, o autor ainda mostrou como a agricultura é um agente na superfície da terra, sendo contribuição da Geografia a compreensão e a distinção espacial.

Na mesma lógica, Ferreira (2001) apresenta, também, a perspectiva do autor Fauchner (1953), mesmo a definição deste não sendo tão diferente das outras já apresentadas anteriormente. Para este autor, a Geografia Agrária era qualitativa e tinha como objetivo inicial descrever os aspectos dos meios das atividades agrícolas. Além disso, esta área se diferenciava da de outras ciências, tais como a Agronomia, por seu foco principal não ser a descrição das técnicas de produção. Ainda sob esta ótica, a geografia Agrária concentra-se na explicação das paisagens e nas variações nas formas de vida no rural por meio dos sistemas agrícolas e sua expansão. Ainda segundo Ferreira (2001), Faucher (1953) definia a vida agrícola não apenas como algo vinculado ao trabalho da terra com intuito mercantil.

3.4 Agricultura familiar no século XXI: aspectos socioeconômicos, socioculturais e políticos

No que se refere à questão socioeconômica e cultural no âmbito da produção de alimentos pela agricultura familiar, tem-se, como fator primário para uma boa qualidade de vida e produção, a condição socioeconômica das famílias. Nisso, estão inclusos o modo de produção, o tamanho das famílias, a ocupação dos membros da família e o tamanho das propriedades onde estas vivem. Ademais, para que possamos analisar de forma coesa como a condição financeira e social afeta (de forma negativa ou positiva) as famílias produtoras de alimentos, devemos lembrar que estas, de certa forma, encontram-se ligadas ao mercado. Sendo assim, a produção deve apresentar padrões que agradem ao mercado, que estão cada dia mais distantes da realidade de muitas famílias que produzem para a comercialização e para o autoconsumo.

De acordo com Carneiro (2012), o processo de modernização não somente na agricultura, como também na sociedade, traz consigo uma diminuição nos níveis de ocupação na agricultura e também acarreta uma ampliação nos postos de trabalhos não agrícolas. Ou seja, devido à tendência de mecanização do campo, tem-se um aumento na procura por outros modos de ocupação remunerada. Assim, as famílias produtoras de alimentos passam a sofrer com a influente modernização nos modos de produção do campo. Isso ocorre pois, na maioria das vezes, os indivíduos não possuem capital suficiente para implementar essas novas tecnologias produtivas em suas propriedades, o que os leva à busca por outras ocupações para complementarem a renda familiar.

Diante disso, podemos observar novas formulações de ocupações dentro e fora do espaço rural, isso revela o quanto as condições socioeconômicas das famílias são de fundamental importância para sua permanência no campo. Além disso, as novas formas de ocupação dentro e fora da propriedade demonstram o quanto essas famílias produtoras de alimentos são afetadas pela ideologia produtivista e modernizadora do campo para alcançar padrões exigidos pelo mercado cada vez mais influente.

Segundo Carneiro (2012), os agricultores familiares desejam ver seus filhos distantes desse modo de vida agrícola não somente pelos fatores expostos acima mas também porque os agricultores acreditam não mais conseguirem “viver de agricultura. Isso demonstra, ainda sob a égide da mesma autora, que a crise da superprodução traz consigo uma crise na identidade do agricultor, que será visto como um “jardineiro da natureza”, representação esta que acarreta em uma separação entre agricultura/natureza e agricultura/alimentação (HERVIEU, 1996 apud CARNEIRO, 2012, p.24).

Carneiro (2012) afirma que a crise da superprodução que ocorreu nos anos oitenta é embasamento para enriquecer a crítica ao modelo produtivista e ressalta que esse modelo demonstra esgotamento econômico e social. Ainda em consonância com Carneiro (2012), isso pode revelar uma identificação do rural ao agrícola, ou seja, os agricultores não mais se identificam com as novas formulações que estão em andamento no campo. Outro ponto considerável para a evasão das famílias do campo é a queda nos preços dos alimentos produzidos, fazendo com que se reduza a renda das famílias produtoras. Entretanto, vale ressaltar que aquela imagem do rural atrasado e não dotado de aparatos tecnológicos que permeia a imaginação daqueles que moram nas cidades deve ser ultrapassada. Diz-se isso, pois, segundo Hervieu e Viard (2012):

A noção de paisagem, até então uma criação da população urbana, é integrada à noção de território num movimento de resgate e valorização da cultura e da sociedade local num esforço de reorientação parcial da política de subsídio agrícola na direção de “inserir novamente os agricultores na paisagem para que elas permaneçam camponesas (HERVIEU e VIARD, 2001, p. 73, apud CARNEIRO, 2012, p. 24).

Para mais, mesmo que exista uma transformação nos modos econômicos e sociais do campo, Carneiro (2012) salienta que os produtores familiares que conseguem aumentar suas propriedades devido ao encerramento de atividades de outros, ainda assim, continuam sendo pequenos artesãos. Isso se dá devido ao crescimento exponencial dos empresários de cereais e da pecuária industrial, entretanto, Carneiro (2012) ressalta que a manutenção do campo tradicional depende desses pequenos produtores que permanecem em suas propriedades e que dão continuidade às técnicas e saberes culturalmente herdados. À vista disso, ainda de acordo com a autora:

O aumento da produtividade, associado ao consumo de tecnologia, tem fundamentado a ação e o discurso modernizadores até aqui. É nesse sentido que a proposta de um programa de fortalecimento da agricultura familiar voltado para as demandas dos trabalhadores –sustentado em um modelo de gestão social em parceria com os agricultores familiares e suas organizações– representa um considerável avanço em relação às políticas anteriores. (CARNEIRO 1997, p. 70).

Outro autor que expressa a importância socioeconômica e cultural da agricultura familiar é Schneider. O autor tece comentários acerca do modo de produção camponês. De acordo com este, o processo de produção camponês é formulado de maneira relativamente autônoma e historicamente garantida, pois cada aspecto da produção é formulado diante dos recursos produzidos e reproduzidos de ciclos passados.

Em consonância com Schneider (2009), esse modo de produção visa estabelecer um valor agregado e a criação de empregos produtivos. Já no modo capitalista de produção e empresarial, acontece o contrário: para que se possa acumular lucros e rendas ampliadas, reduz-se o uso de mão de obra de trabalho. Sendo assim, Schneider (2009) atenta que, devido às condições no modo de produção dos pequenos produtores, não pode ocorrer essa emancipação, onde se tem um enfrentamento “bem sucedido em um ambiente hostil”.

Outro ponto que se faz necessário adentrar é a mercantilização em curso no campo. Schneider (2009) demonstra a resistência dos pequenos produtores sobre essa coação do mercado, principalmente no que diz respeito à produção de insumos. Para o

autor, os produtores visam desviar-se desse processo de mercantilização sobre os insumos agrícolas, buscando novas maneiras de se inserir mais efetivamente nos processos específicos de mercantilização de seus produtos.

Ademais, Schneider (2009) levanta uma importante questão sobre as ocupações e renda dos produtores rurais. De acordo o autor, estes dois aspectos estariam em declínio devido à massiva mecanização das formas de colheita dos principais produtos vendidos. O autor argumenta e relaciona esse declínio com a mercantilização e externalização do processo produtivo. Em suas palavras:

[...] uma parte cada vez maior das atividades agropecuárias antes realizadas no interior das propriedades estão sendo hoje contratadas externamente mediante a serviços de terceiros, independentemente do tamanho das explorações. (SCHNEIDER, 2009, p. 59)

Por fim, Schneider (2009) faz referência a outro aspecto em andamento nas propriedades familiares, a “individualização da gestão e execução da produção”. Segundo o autor, a administração das pequenas/médias propriedades está se tornando mais individual com o passar do tempo, ficando apenas com o pai ou algum dos filhos, isso, em decorrência da busca por outras forma de ocupação dos outros membros da família, que buscam uma reinserção produtiva fora das propriedades.

Ademais, uma outra tendência mencionada por Schneider (2009) é a perspectiva de como a produção intensiva está ligada ao mercado global, o que leva a uma ruptura na criação de empregos e aumento de renda, causando uma monotonia na diversificação de ocupações em seu entorno. O autor exemplifica como a agropecuária se tornou um aspecto complementar e residual nas modificações socioeconômicas. Em suas palavras:

As novas dinâmicas em termos de geração de emprego e renda no meio rural brasileiro têm origem urbana, ou seja, são impulsionadas por demandas não-agrícolas das populações urbanas. (SCHNEIDER, 2009, p.60)

Por fim, o autor comenta que se torna imprescindível a criação de uma nova “institucionalidade para o novo rural brasileiro”, tendo vista que a agricultura não é mais um caminho de inclusão produtiva das famílias rurais sem propriedade. Sendo assim, para o autor, nesse contexto, o êxodo rural e agrícola se torna quase impossível de não acontecer, mas como forma de uma mitigação desse êxodo, se torna necessário haver um aumento nas ocupações rurais não agrícolas.

Para Schneider (2009), uma forma de combater esse processo de abandono do campo e das atividades agrícolas seria a reafirmação da agricultura familiar como forma de combater a monotonia criada pelas aglomerações de monoculturas em todas as direções. Os modos poliprodutivos da agricultura familiar poderiam alavancar o crescimento das ocupações não agrícolas. Schneider (2009) comenta que isso poderia auxiliar as famílias que estão se tornando cada vez mais pluriativas, aumentando a produção no trabalho rural. Isso, tendo em vista a identificação dos inúmeros caminhos técnicos e sociais no que diz respeito à agropecuária e contestando a ideia de um implacável êxodo rural. Ademais, o investimento em uma diversificação agropecuária familiar é o ponto de partida para uma incrementação no tecido social e econômico, sendo considerado um agente importante na criação de oportunidades no campo.

Primeiramente, Corrêa et. al. (2018) apresenta as 4 (quatro) formas de organização da agricultura familiar propostas por Lamarche (1993). São estas: modelo de empresa, modelo de empresa familiar, modelo de agricultura camponesa, (que pode ser de subsistência) e, por último, modelo de agricultura familiar moderna. No primeiro modelo, que seria o modelo de empresa, a produção é empregada por poucos ou quase nenhum indivíduo da família devido ao alto grau de dependência de planos tecnológicos, financeiros e comerciais para produção. Já no segundo modelo, de empresa familiar, a produção e divisão do trabalho estão ligados à mão de obra e patrimônio familiar, almejando um projeto futuro de reprodução familiar. Na terceira forma de organização, modelo de agricultura camponesa, existe uma forte influência familiar e pouca dependência de fatores exógenos. São características desse modelo: menor grau de produção, baixa utilização de recursos técnicos e satisfação das carências familiares. Já o último modelo, agricultura familiar moderna, rompe com as limitações familiares materiais, como modo de pensar e a necessidade técnico-econômica.

Outro ponto a ser analisado é a inserção de produtos no mercado, principalmente se estes forem comercializados por produtores de médio e pequeno porte. Corrêa et. al. (2018) demonstra como o aspecto territorial tem grande importância na escoamento da produção dos pequenos produtores. Isso ocorre, pois a produção de determinada cultura no mesmo território em que é comercializada gera maior confiabilidade entre os compradores, que conhecem a cadeia de produção dos produtos vendidos. Ademais, esta produção carrega os aspectos culturais e regionais de onde está localizada.

A saída dos povos do campo, por sua vez, é um aspecto negativo que deve ser avaliado, pois dificulta a formulação de famílias. De acordo com Corrêa et. Al (2018), foi

observado que, na maior parte dos casos, a saída do campo é realizada por parte dos jovens. Além disso, o êxodo rural é protagonizado, em grande maioria, por indivíduos do gênero feminino, o que causa uma forte masculinização da população do campo. Os autores explicam esse fenômeno baseando-se em Stropasolas (2013), que relaciona esta problemática social aos aspectos cultural da sucessão camponesa e da problemática social. Essa situação abarca toda uma estrutura, componentes socioeconômicos, políticos e institucionais e todo o contexto histórico do país que é reproduzido também na agricultura.

Por outro lado, ainda de acordo com os autores supracitados, podemos observar que existe um aumento da recampesinização. Van der Ploeg (2009, apud Corrêa et.al, 2018) associa esse fenômeno ao êxodo urbano e o classifica como o retorno das pessoas ao campo com o intuito de obter uma maior autonomia de renda. Ainda em conformidade com o estudioso, a recampesinização também associa-se a inúmeros processos globais, tais como o desemprego, a falta de moradia e a escassez de alimentos. Outrossim, observa-se que quem escolhe retornar ao campo busca fazer da agricultura sua primordial fonte de renda, por isso, muitos habitantes do meio urbano deixam de ser consumidores para passarem a ser produtores. Sabemos que a agricultura familiar é de grande importância para a segurança alimentar no Brasil, região onde a distribuição e venda de alimentos é monopolizada por grandes redes de supermercado.

Entretanto, Corrêa et. al. (2018), observam, que, mesmo com a recampesinização, alguns dos membros da família ainda se mantêm como pluriativos, ou seja, exercem outro tipo de serviço para complementar a renda. Por isso, faz-se necessário o fortalecimento de políticas públicas e sistemas de créditos para os pequenos e médios produtores para que estes possam fixar-se no campo de forma segura. Diz-se isso, sobretudo, pois, como anteriormente dito, essa classe de trabalhadores assegura a alimentação de muitos outros cidadãos do meio urbano com preços mais acessíveis e alimentos de origem menos danosa à saúde, além de fortalecerem toda uma herança cultural e de saberes que passa por várias gerações.

Além disso, mesmo com todo esse processo e sucessos observados nesta pesquisa, não podemos tomar seus resultados como uma realidade da agricultura familiar no Brasil, pois a formulação e as vivências no campo são heterogêneas. Diferenças culturais, sociais e econômicas formulam a maneira com que as famílias rurais irão se desenvolver e fixar no campo. Além disso, é preciso considerar o efeito da progressão capitalista e suas relações de produção nas áreas rurais, que levam, por exemplo, à monopolização do

território pelo capital financeiro e industrial. Podemos utilizar como exemplo desta expansão contraditória o agronegócio brasileiro, pois sua formulação excludente no meio territorial e social demonstra a forma como este busca se reproduzir.

No que tange aos aspectos políticos, sabe-se que a agricultura brasileira, de acordo com Santos e Mera (2016), sempre esteve em torno das ações do governo, seja por dependência ou por influência, sendo acolhida com financiamentos ou proteção e até mesmo com intuito de aloca-la no modelo econômico vigente. Segundo Schneider (2002, apud Santos e Mera, 2016), o aumento na produção e produtividade na área da agropecuária é devido à adoção de políticas públicas e ao conseqüente avanço da modernização e industrialização da produção agrícola no Brasil.

Além disso, devido à forte política de modernização no campo desde os a década de 1950, com a Revolução Verde, houveram contradições no que tange à igualdade na aquisição das inovações tecnológicas. Uma das conseqüências é a desigualdade regional no processo de modernização, que se faz evidente quando comparamos certas atividades agropecuárias e alguns produtores do campo. Este monopólio de modernização é verificado largamente nas grandes propriedades, e onde o agronegócio está consolidado, sobretudo, no Centro-Sul e Centro-Oeste do país. Devido a isso, Santos e Mera (2016) vão ressaltar o quanto é importante o incentivo da modernização por meio de políticas públicas, pois o formato que foi estabelecido no Brasil privilegiou o aumento da produtividade e o uso de inovadas técnicas na produção privada, tendo como reflexo a forte concentração de terras ou fundiária e a expropriação dos trabalhadores rurais do campo devido ao aumento modernizante no modo de produção (como utilização de maquinários, por exemplo). Além disso, devido ao foco no crescimento agrícola e não no desenvolvimento rural, essa modernização acarretou também desequilíbrios ambientais.

Isto posto, a dimensão política é fundamentalmente importante para compreender as dinâmicas que ocorrem no campo, seja nas questões sobre políticas públicas ou nas relações de poder existentes entre os atores e instituições do campo. Levando em consideração as afirmações acima expostas, pode-se dizer que as políticas públicas são instrumentos capazes de auxiliar o produtor rural a permanecer no campo, a partir, por exemplo, da possibilidade de adquirir ferramentas para aumentar sua produtividade. Ademais, o acesso ao crédito rural é uma das ações que são direcionadas aos agricultores que pertencem ao seguimento conhecido como agricultura familiar. O crédito tem como princípio ajudar na administração, gerenciamento e trabalho, ou seja, no desenvolvimento das atividades. Conforme classifica a Lei 11.326, de 24 de julho de 2006.

Acerca do crédito rural, existem vários programas que buscam auxiliar o produtor rural não somente na produção, mas também na reprodução e continuidade do trabalho familiar. Um dos programas existentes é o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), este programa busca oferecer linhas de crédito com intuito de sanar as necessidades dos agricultores familiares. O programa PRONAF tem como princípio auxiliar na geração de renda do agricultor familiar e aprimorar a utilização da mão de obra das famílias do campo. Utilizando o financiamento, o produtor rural pode investir no melhoramento de suas atividades e serviços rurais agropecuários e não agropecuários que são desenvolvidos em sua propriedade rural. O programa existe em todas as regiões do Brasil, e seus executores atuam em conjunto com bancos públicos e privados e, também, cooperativas de crédito rural.

Conseguem ter acesso ao programa os agricultores familiares assentados da reforma agrária, agricultores familiares de baixa renda, agricultores familiares dinâmicos, indígenas, pescadores artesanais e ribeirinhos. O PRONAF auxilia, também, na aquisição de sementes e insumos, buscando baratear as atividades desenvolvidas na propriedade, como, produção de milho, feijão, arroz e leite. Além disso, o PRONAF busca custear a obtenção de maquinário modernizado para o aumento da produtividade familiar, sendo de grande importância no cenário atual, pois, com isso, o produtor familiar poderá alcançar suas metas de produção e produtividade e aumentar sua renda. Existem também outros programas, tais, como, Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e Programa Mais Alimentos.

De acordo com Nunes (2007 apud Santos e Mera, 2016), as políticas públicas voltadas para as zonas rurais transparecem as mudanças almejadas pelo governo no setor, utilizando instrumentos que fomentam a produção e estimulam uma melhor distribuição social da riqueza da agricultura. Segundo Santos e Mera (2016), os debates sobre agricultura familiar se iniciaram por volta de 1990, a princípio, no campo político e, *a posteriori*, no ramo acadêmico. Devido a isso, por exemplo, instituiu-se o PRONAF, buscando atender a categoria dos produtores familiares.

Por fim, no que concerne à distribuição e acessibilidade nos programas de crédito, conforme o Santos e Mera (2016), os auxílios rurais especiais que estão inseridos no PRONAF não estão sendo devidamente distribuídos de maneira que consigam abranger e chegar a todos as categorias de agricultores familiares do Brasil. Isso ocorre devido ao programa demonstrar uma resistência, que tende a concentrar a renda quando privilegia certas categorias de agricultores que possuem maior renda e também quando beneficiam

regiões mais capitalizadas do país com o crédito rural. Ou seja, de acordo com o explanado acima, os autores indicam que a política de crédito está criando novas áreas de desigualdades regionais e sociais ao invés de seguir os princípios de sua criação. Isso demonstra, também, uma ruptura do PRONAF com seu princípio inicial, que seria o de diminuir as desigualdades sociais na áreas rurais.

Os aspectos socioculturais, por sua vez, relacionam-se às características e elementos próprios de determinado grupo humano, de determinada sociedade ou tipo social. A abordagem sociocultural enfatiza que a atividade humana é mediada pelas influências sócio-históricas e culturais do espaço ao longo do tempo. Nela, tem sido investigado o desenvolvimento da humanidade de acordo com as práticas culturais dos grupos. O espaço cultural é a representação material e imaterial dessas relações sociais e de trabalho de determinado grupo. Quando falamos do campo, estas representações aparecem, por exemplo, em suas músicas, vestimentas, culinária, vínculos trabalhistas, conexão com a terra e até mesmo nas paisagens que remetem aos ambientes nos quais os indivíduos encontram-se inseridos.

Nas análises realizadas no presente trabalho, será levada em consideração a questão da diferenciação sociocultural no campo, pois esta irá nos mostrar o tipo de produção familiar que vai se reproduzir em cada espaço. De outro modo, é preciso considerar que existem variados tipos de agricultores familiares, uma vez que cada indivíduo, a depender da comunidade a qual faz parte, possui uma formação sociocultural própria que, como visto acima, interferirá nas suas relações trabalhistas. Isto posto, apesar de existir uma tipologia ou estereótipo universal para agrupar todo o rural em uma só classe, nesta pesquisa, o consideramos um parâmetro raso para a comparação, uma vez que exclui a multifuncionalidade territorial estabelecida pela cultura ou, ainda, a transformação das culturas frente as inovações no campo.

Após a revolução verde e a modernização da agricultura iniciada na década de 1970, e diante das inovações e das novas tecnologias empregadas no campo por meio da industrialização e do crescimento do agronegócio no século XXI, podemos encontrar agricultores que conseguiram se inserir (por meio de políticas de créditos, ações de cooperativas e empresas, por exemplo) nesse novo cenário e abandonaram as formas tradicionais de produção, pois possuem maquinários e tem acesso a técnicas modernas. Entretanto, muitos pequenos agricultores, que, na grande parte das vezes, não conseguem auxílios, ainda continuam a realizar seu

trabalho de forma tradicional, com base nos elementos da cultura local. Estes ainda carregam muitas heranças culturais e, mais do que isso, mantêm acesa a chama de suas tradições. Contudo, o mais importante é ressaltar que esses dois tipos de produtores, cada um com base nos instrumentos e nas técnicas que dominam, terão um contato com a terra de forma diferente.

Entretanto, Carneiro (1998) salienta que não devemos considerar que o campo está sofrendo uma transformação homogênea em todo seu território. Segundo a autor, as medidas modernizantes ocorridas na agricultura são objetivadas pelo modelo de produção e de vida urbano-industrial. Devido a isso, os reflexos dessas alterações sobre a população do campo não ocorre de maneira uniforme, sendo que, até mesmo as medidas não atingem com a mesma proporção e intensidade diferentes categorias de produtores familiares. Sendo assim, segundo Carneiro (1998), não podemos falar de ruralidade ou transformação de maneira geral, pois esse efeito transformador terá expressões diferentes nos universos culturais, sociais e econômicos existentes no campo.

Ainda sobre o aspecto sociocultural, ou seja, sobre as diferenças existentes entre cada comunidade, é válido ressaltar a distinção que Darcy Ribeiro, em “o Povo Brasileiro” (1995), fez entre as variadas regiões do Brasil. Para o sociólogo, as particularidades de cada espaço são consequências de sua formação histórica, ou seja, são produtos das ações, das atividades, dos feitos e das movimentações que, no decorrer da história, aconteceram em cada região. Ribeiro (1995) propõe que, em nosso país, existem cinco diferentes “Brasis”: o Brasil crioulo, o Brasil Sertanejo, o Brasil Caboclo, o Brasil Caipira e o Brasil Gaúcho. Em cada “brasil”, a população possui traços culturais diferentes e, por isso, no caso da temática do presente trabalho, lida com a terra de forma diferente. Mais ainda, devido às suas características sócio-históricas e culturais, as técnicas de plantio, a forma de lidar com o solo, os alimentos plantados e os produtos produzidos, as relações comerciais, as feiras e os mercados nos quais os produtos são vendidos, tudo será diferente. É oportuno enfatizar, todavia, que, atualmente, em decorrência do avanço da globalização e, mais uma vez, do crescimento do agronegócio, há uma tendência de homogeneização no campo, nos modos de plantio e colheita tradicionais e, inclusive, nos produtos que são produzidos (exemplo disso são as grandes lavouras de soja nos latifúndios).

Outrossim, para uma melhor explicação e visualização de como a cultura está ligada ao formato de agricultura e reprodução familiar, podemos comparar um

produtor de Minas Gerais com um produtor do Rio Grande do Sul. Ambos podem estar produzindo as mesmas culturas, entretanto, o lidar com a terra, o formato de trabalho, dependerá de questões socioculturais e econômicas. Pois, como La Blache no final do século XIX demonstrou com o possibilismo, o meio passa a ser dominado pela cultura e não apenas pelas semelhanças naturais, ou seja, da natureza. Com isso, podemos observar que o aspecto sociocultural é um fator importante na formação e configuração de cada território e de cada comunidade que nele vive.

Além disso, de acordo com Silva (2015), ressaltamos que, com sua produção e sua comercialização baseada em sistemas produtivos múltiplos, a agricultura familiar ainda apresenta um “enraizamento social muito forte em relação ao território sobre o qual se insere”. À vista disso, observemos, a partir de um exemplo retirado do cancionário popular brasileiro, como a relação entre trabalhador e terra, que, como já vimos, é uma relação cultural, pode ser retratada no meio artístico. O excerto abaixo, retirado da canção “Oração de Camponês¹”, composta por Xavantinho (1995), pode ser vislumbrado sob a ótica de que, quem fala, é o pequeno produtor:

“[...] Tirei o mato e acariciei a terra,
boa semente eu plantei naquele chão,
e fiz pedido a minha Santa Padroeira,
prá não deixar faltar a chuva no Sertão.
O tempo passa e a luta não termina,
a chuva fina continua com seu véu.
Igual a eu, outro roceiro agradece
Deus nas alturas, e os milagres do céu
Um manto verde tomou conta do roçado
formou-se um quadro, no azul da imensidão.
E na certeza de uma colheita farta,
de tudo aquilo que plantei com minhas mãos,
e para o ano a labuta continua,
lavrando a terra com carinho e devoção.
Eu agradeço a minha Santa Padroeira,
que não deixou faltar a chuva no Sertão [...]”

Na composição, quem fala é alguém que vive no campo e planta sua própria colheita, não um indivíduo que trabalha em um latifúndio controlado por uma

¹ XAVANTINHO. Oração do Camponês. Interpretada por Pena Branca e Xavantinho. CD: Ribeirão encheu: **Velas**, 1995.

grande empresa do agronegócio. Por isso, a partir da linguagem metafórica e poética do autor, podemos ver que as relações com a terra são determinadas a partir de uma tradição e, mais do que isso, a partir de um ciclo natural: após o plantio, é necessário aguardar que a chuva venha molhar as sementes para, então, elas crescerem. Trazendo a discussão para a temática deste trabalho, a música, cantada na voz de um “eu-lírico” que ocupa o papel de agricultor tradicional, funciona como um exemplo de que não há uma agricultura, mas sim agriculturas, que são determinadas pelas características sócio-históricas, culturais e, também, econômicas de cada grupo social. No caso do agronegócio, por exemplo, o plantio é apenas uma das etapas de um ciclo industrial que, muitas vezes, começa na produção dos maquinários, fertilizantes e sementes e termina na venda dos produtos para o exterior.

Dessa forma, com o crescente esvaziamento demográfico do campo brasileiro, formas e processos socioculturais tem se perdido frente ao avanço do agronegócio. Entretanto, a presença da agricultura familiar é responsável pela manutenção dessas características que estão sendo a todo instante reconfiguradas.

3.4.1 Agricultura familiar no século XXI: resultados das análises feitas a partir dos artigos publicados na revista campo-território (2007 – 2021)

O problema da escala de análise é recorrente nas pesquisas geográficas, pois tratar do fenômeno real e sua complexidade diante das várias inter-relações é um desafio (CASTRO, 2000). Ao mesmo tempo, sabe-se da necessidade de compreendermos a dinâmica socioespacial no nível empírico e suas interdependências na esfera global.

Ademais, considerando que, na geografia agrária, há uma tendência, relacionada a múltiplos motivos (como a proximidade com os sujeitos da pesquisa, pouco tempo para estudos mais densos, falta de recursos para realização de trabalhos de campo em um nível escalar mais amplo entre outros (ALVES, 2013), no predomínio dos estudos locais e regionais, buscamos representar a quantidade de pesquisas elaboradas a respeito da agricultura familiar em nível local, nacional e regional com base nas publicações feitas no periódico Campo-Território dentre os anos de 2007 e 2021, conforme podemos visualizar no Gráfico 1:

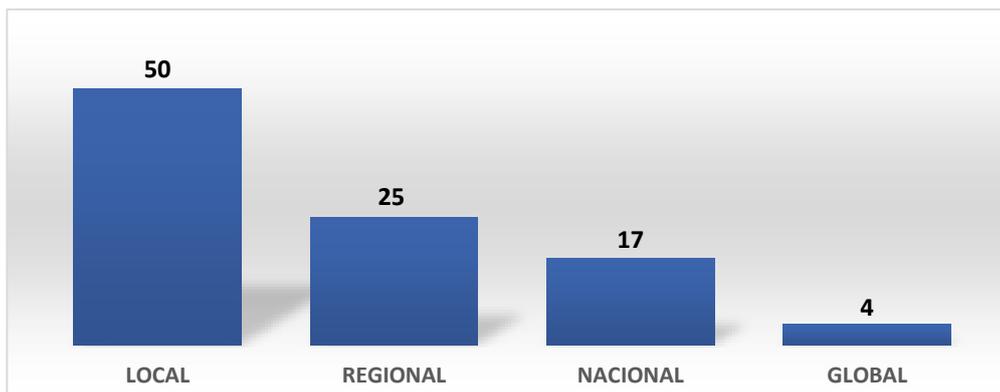


Gráfico 1 – Escala de análise nas pesquisas sobre Agricultura Familiar na revista Campo-Território, 2007-2021. Elaboração: O autor.

O gráfico 1 demonstra que 52% dos estudos elaborados dentro da temática utilizaram a escala local como recorte da pesquisa. Isso, por que muitas foram realizadas em propriedades rurais locais, onde se tinha presente a agricultura familiar. Além disso, constatou-se que esses territórios eram mais próximos da universidade, o que facilitou o desenvolvimento dos estudos. Já na escala regional, foram encontrados 24% dos estudos elaborados dentro da temática da agricultura familiar, também no mesmo período, de 2007 a 2021. Em ambas as escalas, locais e regionais, notou-se uma maior tendência nas análises socioeconômicas e socioculturais, visando compreender o funcionamento da agricultura familiar e também dos pequenos produtores do campo e suas diferenciações de organização.

No que diz respeito à escala nacional, apenas 16,32% dos estudos abordaram a temática da agricultura familiar no mesmo período. Nessa escala, observou-se que grande parte das pesquisas focaram na compreensão econômica, com ênfase nas políticas e programas de auxílio ao agricultor familiar. Por fim, em escala global, apenas 3,76% dos estudos dedicaram-se ao assunto. Estas, no que lhes diz respeito, deram destaque à exploração dos conceitos de economia, socioeconômico e político e buscaram compreender as formas de agricultura familiar existentes, suas diferentes formas de organização e a importância desse modo de produção para o desenvolvimento humano e ambiental.

No que se refere às abordagens ou dimensões dos estudos dentro da temática da agricultura familiar, realizou-se uma análise a respeito das principais características e dos assuntos mais trabalhados pelos pesquisadores. Para tal, elaboramos estatísticas considerando as abordagens econômica, política, ambiental, socioeconômica e

sociocultural no contexto das publicações da revista Campo Território, (2007-2021), o que pode ser observado no gráfico 2, abaixo:

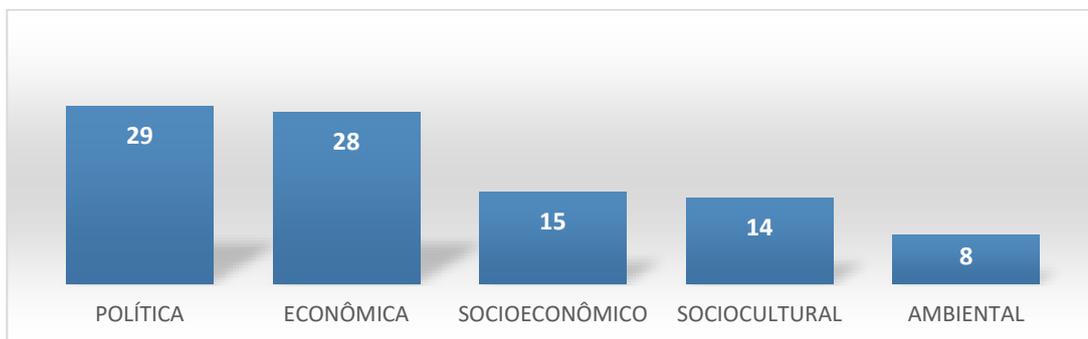


Gráfico 2 – Dimensões de análise nas pesquisas sobre Agricultura Familiar na revista Campo Território, 2007-2021. Elaboração: O autor.

Os estudos sobre agricultura familiar são variados na geografia agrária, pois, devido à interface sociedade e natureza, as possibilidades de pesquisas são múltiplas. Isto posto, a dimensão na qual se teve mais pesquisas relacionadas foi a política (27,26%), com ênfase na compreensão de como as políticas públicas criadas e vigentes até o momento estão auxiliando a agricultura familiar e os produtores rurais. Como já dito neste trabalho, políticas e programas ajudam a reafirmação do produtor familiar e também auxiliam na sua permanência e reprodução no campo.

Na dimensão econômica, por sua vez, constatou-se a presença de 26,32% das pesquisas relacionadas, todas, buscando compreender as formas de organização e divisão do trabalho e os meios que os produtores familiares encontram de aumentar sua renda, como, por exemplo, exercer outras funções dentro e fora da propriedade (pluriativos).

Ademais, outra dimensão levantada nesta pesquisa foi a socioeconômica, o gráfico representa a porcentagem de 14,1% para essa dimensão. Nesta, busca-se analisar os desdobramentos sociais e econômicos, visando compreender como estes dois aspectos auxiliam no desenvolvimento do agricultor familiar. Nesta dimensão, também se incluem a propriedade e os serviços produzidos nela, mostrando como determinado tipo de trabalho auxilia na permanência (ou não) do agricultor e sua família no campo. Esta também visa analisar como a organização familiar norteia a permanência do agricultor no campo, pois, quanto mais familiares envolvidos na produção, maiores as chances de renda e permanência dessa família na propriedade.

A dimensão que diz respeito ao sociocultural, por sua vez, aparece em 13,16% das pesquisas. Nesta, analisa-se os costumes culturais, pois a forma que o indivíduo membro de uma família produtora de alimentos se enxerga como pertencente aquele meio fará toda diferença na formulação do espaço ocupado por sua família. Mesmo que muitos enxerguem a agricultura familiar como unificada, as organizações familiares e fazeres são diferenciados pelas formas que lidam com suas produções e se especializam no seu território.

Por fim, mas não menos importante, temos a dimensão ambiental, inteiramente ligada à questão de reprodução da agricultura familiar, pois demonstra como o uso e ocupação do solo pode impactar nas produções das culturas e outras fontes de renda das famílias agricultoras. Diz-se isso, pois uma degradação ambiental pode culminar, muitas vezes, em uma baixa nas produções ou perda da qualidade do solo, tendo como consequência uma menor qualidade dos alimentos produzidos pelas famílias. É sabido, também, que um ambiente harmônico impacta não somente no âmbito econômico das famílias, mas também na qualidade de vida destas.

No que diz respeito à quantidade de trabalhos publicados anualmente, o gráfico de linhas abaixo demonstra o número de artigos publicados entre os anos de 2007 e 2021. A partir da interpretação dos dados, podemos observar a quantidade de estudos referentes a pesquisas sobre agricultura familiar publicados na revista Campo-Território e, também, refletir, com base nos fenômenos socioculturais, históricos e econômicos, a respeito do porquê desses resultados.

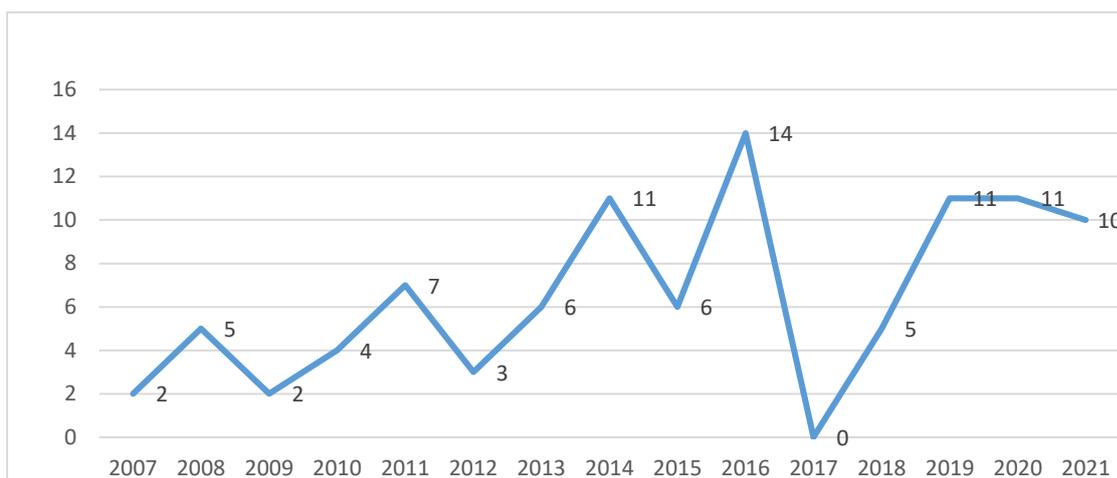


Gráfico 3 – Artigos publicados por ano nas pesquisas sobre Agricultura Familiar na revista Campo-Território, 2007-2021. Elaboração: O autor.

Inicialmente, percebe-se que, dentre os anos de 2007 e 2014, um número muito baixo de artigos sobre a temática foi publicado no Brasil. Em 2015, entretanto, houve um aumento exponencial na publicação de artigos, que subiu de 6, em 2014, para 11 em 2015. Entretanto, a quantidade de trabalhos publicados voltou a cair no ano de 2016. Em 2017, observa-se um total de 0 (zero) artigos publicados, sendo este o único ano sem publicações sobre a temática, o que pode ser reflexo da falta de políticas de fomento à pesquisa e do congelamento de verbas para as instituições que fomentam os trabalhos acadêmicos. Como demonstrado no gráfico, no ano de 2018, houve 5 publicações, em 2019, 11, número que se manteve até 2020, caindo apenas 1 no ano de 2021, totalizando 10 artigos publicados nesse ano.

Como podemos observar, do ano de 2007 a 2021, as publicações dos artigos referentes a agricultura familiar ficaram oscilando. Esse fato pode-se dar por existirem poucas pesquisas por ano sobre o referente tema ou pelo tempo que se leva para desenvolver o trabalho. Outro fato que chama a atenção é o fato de que, no ano de 2017, nenhuma pesquisa sobre a temática foi publicada. É curioso, nesse sentido, que este tenha sido um ano marcado pelo impeachment de 2016 e pelo conseqüente congelamento de investimento na educação e pesquisas. Com isso, nota-se que as políticas que fomentam a produção de artigos científicos influenciam na quantidade de trabalhos desenvolvidos e publicados.

Nos próximos anos, de 2018 a 2021, voltou a crescer o número de pesquisas referentes à temática da agricultura familiar. Quando observamos de perto os trabalhos publicados nesse período, percebe-se um grande número de estudos voltados à

demonstração de como esse modelo é importante para a produção de alimentos. Outro ponto que podemos analisar é que, nesses anos, 2018 a 2021, também houve um baixo investimento e fomento a pesquisas, além, é claro, do período pandêmico que assolou o mundo. À vista desses acontecimentos sócio-históricos e políticos, podemos enxergar essas publicações não apenas como uma forma de resistência às decisões do governo (como a aprovação do uso agrotóxicos, por exemplo) mas também como uma maneira de, em um ambiente conturbado pela covid19, pensar em soluções ambientais para o desenvolvimento da humanidade.

No que tange a produção de artigos por estados, o gráfico de colunas dos estados busca demonstrar quais estados do Brasil mais produziram artigos científicos entre os anos de 2007 a 2021 dentro da linha pesquisa da agricultura familiar. Inicialmente, nesse recorte temporal, os estados que produziram apenas 1 artigo sobre a temática pesquisada foram: Espírito Santos (ES), Distrito Federal (DF), Sergipe (SE), Tocantins (TO), Acre (AC), Rondônia (RO), Maranhão (MA).

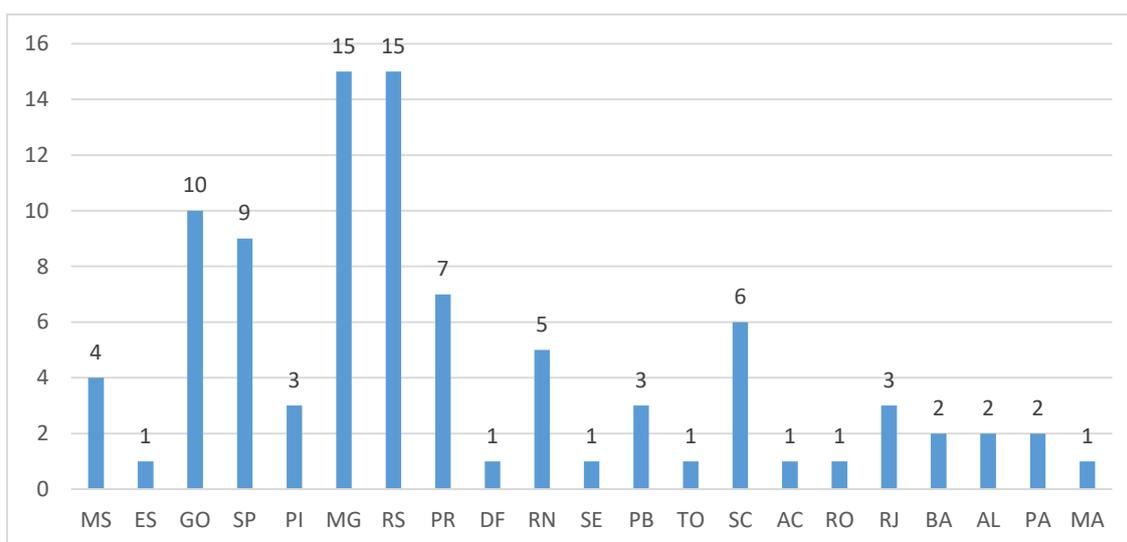


Gráfico 4 – Quantidade de artigos publicados por estados nas pesquisas sobre Agricultura Familiar na revista Campo-Território, 2007-2021. Elaboração: O autor

Dito isso, entre os estados que menos produziram, podemos observar que poucos são produtores de grandes variedades de culturas, o que ocorre por empecilho do clima ou por produzirem commodities para exportação, não havendo assim, uma forte presença da agricultura familiar ou áreas com baixa presença do território rural. Outro ponto que pode influenciar no número de publicações é a baixa presença de pesquisadores sobre a determinada temática e até mesmo a falta de universidades próximas que fomentem a pesquisa (Figura 2). Além disso, é sabido, pela observação do gráfico, que estados como

a Bahia (BA), Alagoas (AL) e Pará (PA), durante o ano estipulado para observação de produção de artigos científicos, produziram apenas 2 (dois) artigos por estado, mesmo a Bahia tendo a maior presença da agricultura familiar no país. Mais uma vez, esse número pode estar dentro dos mesmos parâmetros colocados acima ou pode ser por outras variáveis. Já os estados Piauí (PI), Paraíba (PB) e Rio de Janeiro (RJ) obtiveram um total de 3 artigos publicados durante os anos estipulados. Isso pode ocorrer pela baixa presença da agricultura familiar nos estados ou pelas condições geográficas e climáticas dos estados em questão, fazendo com que a tendência seja outro tipo de produção.

A figura 2 demonstra o número de artigos publicados dentro da temática da agricultura familiar por Estados e Regiões do país.

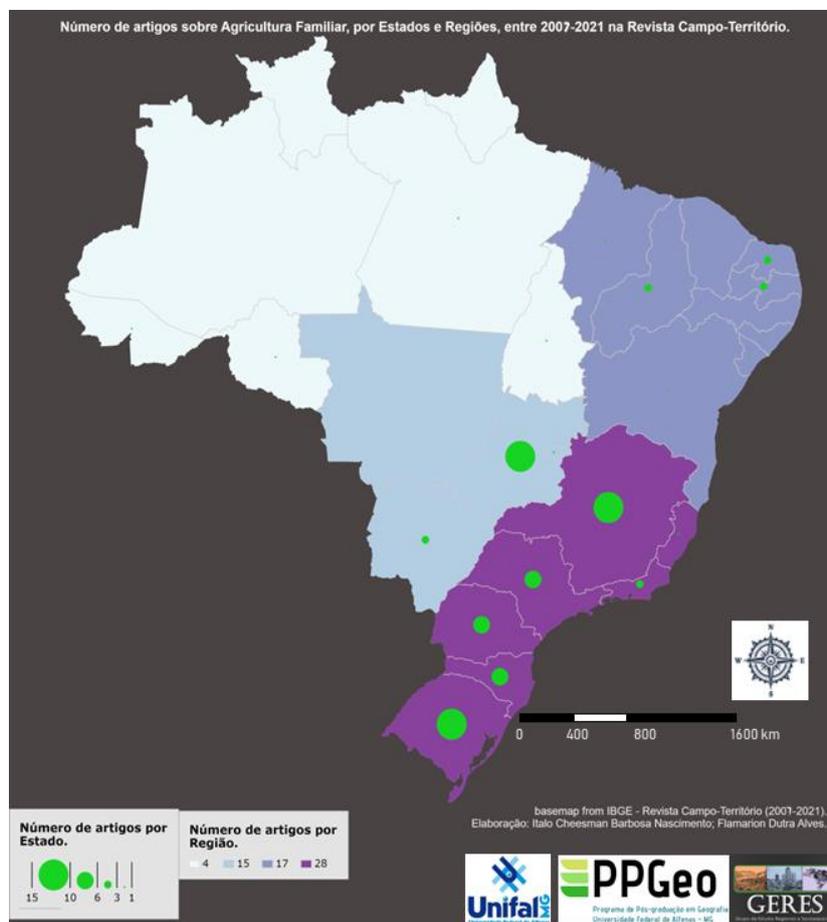


Figura 2 – Mapa com número de artigos sobre agricultura familiar, por Estados e Regiões, entre 2007-2021 na revista Campo-Território.

Nos estados do Mato Grosso do Sul (MS), Rio Grande do Norte (RN) e Santa Catarina (SC, nota-se um crescimento na publicação de artigos no que se refere a agricultura familiar, tendo o Mato Grosso do Sul 4 publicações, o Rio Grande do Norte,

5, e Santa Catarina 6 pesquisas. Isso ocorre por essas regiões terem fortes áreas de agronegócio, agricultura intensiva e produção de alimentos para exportação. Além disso, outra questão a ser pensada são as universidades localizadas nesses estados, nas quais, provavelmente, o maior enfoque é a construção do conhecimento científico sobre esse modelo de produção de alimentos.

No que tange aos estados com maior número de publicações, em uma escala crescente, temos o Paraná, com 7 artigos publicados nesse recorte de anos. É curioso, nesse sentido, que o estado seja conhecido por suas produções de commodities, como soja, arroz, trigo e cana-de-açúcar, mas apresente um número razoável de pesquisas voltadas para a agricultura familiar. Outro estado no qual se encontrou um maior número de publicações sobre a temática apresentada no recorte de tempo foi São Paulo (SP), com 9 artigos publicados na revista utilizada como base para esta pesquisa. São Paulo é um estado onde se concentram muitas universidades, podendo ser esse um dos indicadores para o número de publicações. Além disso, apesar da grande produção de commodities para exportação, o estado também apresenta presença da agricultura familiar nas áreas rurais e campestres do interior, podendo, este, ser um indício da produção dos artigos no estado.

Além disso, temos Goiás (GO) como terceiro colocado no gráfico de publicações, com 10 artigos postados na revista. O estado, devido ao clima e também à geografia da região, é um forte produtor de grãos, estando no quarto lugar de produtor do país. Dito isso, o estado tem uma forte presença da agricultura familiar, chegando a quase 64 mil estabelecimentos de famílias produtoras de alimentos. Ademais, Goiás conta com a forte presença de universidades em seu território, podendo ser este também um indício para o alto número de publicações nessa área.

Por fim, temos dois grandes estados que, como demonstrado no gráfico, estão iguais no número de artigos publicados. São estes Minas Gerais (MG), com 15 artigos, e Rio Grande do Sul (RS), também com 15 publicações. No que concerne ao estado de Minas Gerais, é sabido que este é um grande produtor de várias culturas e também é o primeiro na produção de café e leite, tendo uma das maiores plantações de café do país. Dentro destas produções, temos uma grande presença da agricultura familiar no estado, possuindo o segundo lugar com maior número de pessoas cuja ocupação é na produção de alimentos, o que demonstra que a presença do modelo de produção familiar é forte no estado. Além disso, Minas Gerais também possui, dentro do seu território, importantes

universidades, podendo ser também este um indicador do número de publicações voltadas para essa temática.

O estado do Rio Grande do Sul, por sua vez, apesar de ser um forte produtor de soja para exportação e distribuição no país, é, também, um grande produtor de variados tipos de culturas. Culturas estas que, em sua maioria, são produzidas pelos agricultores familiares. A forte presença da agricultura familiar no Rio Grande do Sul, se analisada sob um olhar histórico, muito provavelmente, associa-se à ocupação da região por imigrantes italianos e alemães que, desde o século XVII, passaram a formar colônias produtoras de alimentos. Ademais, o número de artigos publicados pode estar ligado, também, à presença de universidades que buscam compreender mais essa temática.

4. AGRICULTURA FAMILIAR E FEIRAS LIVRES EM ALFENAS

4.1 Feira livre e espaços de comercialização

As feiras livres carregam consigo todo um simbolismo e significado que, para observadores leigos, se torna apenas um espaço de comercialização de alimentos. Entretanto, as feiras livres têm como objetivo primário auxiliar na permanência do agricultor familiar em sua propriedade e, também, na reprodução e fixação deste e da sua família no campo. Além disso, as feiras possuem uma expressão simbólica cultural, pois, aqueles, que ali comercializam seus produtos, também materializam muitos de seus saberes, passados, muitas vezes, por sucessões geracionais, relacionados às formas de produzir suas culturas ali vendidas.

Nesse sentido, segundo Wagner e Mikesell (2014 apud BATICINI, 2019, p. 26), podemos dizer que uma feira livre resulta da capacidade dos os seres humanos se comunicarem através de símbolos. Assim, a noção de cultura não considera os indivíduos isoladamente, mas classifica grupos bem definidos, que ocupam um espaço determinado. Uma cultura pode ser definida sobre uma aldeia isolada com vivências diárias, ou sobre um vasto território com circulações diversas). Outro ponto, é que a feira livre se torna, também, um local de encontro e vivência, local onde encontramos amigos e conhecidos, ou seja, um espaço de sociabilidade.

Outrossim, as feiras livres também possuem um papel fundamental no que diz respeito ao patrimônio histórico da cidade, pois, por intermédio dos produtos comercializados nesses espaços, fazem com que a história e cultura da cidade não se percam totalmente diante das transformações temporais. Sendo assim, por meio da comercialização dos produtos nas feiras, as expressões socioculturais se fazem presentes nas comidas, no simbolismo do espaço de comercialização, nas músicas, na estrutural material e também na imaterialidade presente nas formas de vivenciar a feira, mesmo que as formas tenham sido modificadas e as que ficaram tenham outras funções no cenário atual da cidade. Dito isso, nota-se que, para além da venda de produtos, as feiras carregam expressões do passado no presente, ou na forma da organização do espaço para comercialização ou pelo modelo de produção familiar que resiste as transformações no campo.

Destarte, de acordo com Codignole (2011), as feiras-livres possuem um papel muito importante na economia e na vida social, principalmente das famílias produtoras

de alimentos, podendo auxiliar na transformações e reconversão no setor de pequenos e médios agricultores familiares. Diante disso, na cidade de Alfenas-MG, sempre, aos domingos, é realizada uma feira livre, que, em 2011, era composta por 516 feirantes cadastrados na Secretaria de Desenvolvimento Rural de Alfenas. Destes, 219 pertenciam à cidade de Alfenas, e os demais eram de vários municípios da micro e mesorregião do Sul de Minas, chegando a 57,6 % do total dos feirantes. Do total, 128 cadastros eram de atravessadores, pessoas que compram direto do produtor ou em CEASAS e revendem na feira (CODIGNOLE, 2011). Além disso, na feira que ocorre as quartas-feiras, em 2011, existiam 74 cadastros de bancas contínuas, ou seja, que vendem toda semana, e, 28 das que fazem rodízios durante o mês ou de acordo com sua produção (CODIGNOLE, 2011).

Para mais, sabe-se que as feiras-livres colaboram com o desenvolvimento econômico local, ou seja, com o circuito inferior da economia, formado por atividades de pequena escala, como, pequenos comerciantes, ambulantes, ou seja, toda atividade voltada para o consumo local de uma população com menor mobilidade. Diante disso, fica evidente a importância das feiras livres para o desenvolvimento da economia local da cidade, sendo estas, também, uma fonte geradora de empregos e renda para a população que reside nesta área.

De acordo com Baticini (2019), o município de Alfenas é marcado pelas atividades econômicas de prestação de serviços e também conta com a presença de comércios, tendo uma forte expressão na produção cafeeira, que influencia no mercado nacional e internacional. Além disso, a cidade conta também, com outras atividades agrícolas e pecuárias, relacionadas, em sua maioria, ao modelo de monocultura e de latifúndios na região. Devido a isso, as famílias produtoras de alimentos necessitam de uma forte resistência para seguirem vivendo no campo e produzindo alimentos. Outrossim, vale observar as características fundiárias existentes no município de Alfenas-MG para um melhor detalhamento quantitativo do número de estabelecimentos, tamanho territorial e área que ocupam:

Tabela 01 – Características da estrutura fundiária em Alfenas – MG, 2017

Tamanho dos estabelecimentos rurais (ha)	Número de estabelecimentos rurais	Área ocupada (ha)
0,1 – 20	610	4348 (7,4%)
21 a 100	244	11383 (19,2%)
101 a 500	84	16196 (27,4%)
Acima de 500	21	27179 ^s (46%)
TOTAL	959	59.106

Elaboração: BATICINI, 2019.

Fonte: Censo Agropecuário do IBGE, 2017.

Por fim, ainda segundo Baticini (2019), nas feiras livres de Alfenas-MG podemos enxergar, justamente, uma forma de resistência dos agricultores familiares. De acordo com a autora, a feira livre de domingo existe aproximadamente desde a década de 1960 e, além de ser a maior feira da cidade, é considerada a maior do Sul de Minas em número de feirantes que comercializam produtos. Ainda, em consonância com Baticini (2019), eram cadastrados, na Associação dos Feirantes da Feira livre de Alfenas, no ano de 2019, cerca de 300 feirantes, e cada feirante cadastrado poderia possuir mais de uma barraca, o que resultava em um total de 450 barracas, das quais 60% referiam-se aos produtores e feirantes de outros municípios da região.

À vista disso, a partir de uma breve análise dos trabalhos de Baticini e Codignole, nota-se que, dentre os anos de 2011 e 2019, houve uma queda no número de comerciantes. Queda esta que, por exemplo, pode estar associada ao avanço da indústria alimentícia e do consumo de alimentos ultra processados. Além disso, outra questão que pode estar relacionada à essa diminuição é o crescente êxodo rural e o decremento do número de pequenos produtores, fatos estes que, por sua vez, encontram-se diretamente atrelados ao rompimento da sucessão familiar geracional, já que grande parte dos jovens, filhos de produtores rurais, não mais se identificam com a vida rural.

No que diz respeito à diversidade de alimentos comercializados nas feiras-livres de Alfenas-MG, constatou-se que, na feira de quarta-feira, se tem uma maior comercialização de hortaliças, verduras, frutas e legumes, entretanto, pode-se observar que produtos já prontos para o consumo são vendidos por, no mínimo, 5 das 30 barracas que participam da feira, sendo estes: pamonha, curau, pães, caldo de cana, pastel, queijos e doces. Alimentos estes que constituem uma forte expressão identitária, pois remetem à cultura e a culinária mineira. Diz-se isso levando em consideração que a cultura é constituída pelo conjunto de artefatos produzidos pelos povos, seu saber-fazer e os

conhecimentos sobre o meio natural. Ou seja, se trata de uma ação feita de atitudes e gestos, que se repetem indefinidamente sem ser questionados. Há, então, um ritual transmitido de geração a geração e a cultura surge como uma herança. Em consonância com CLAVAL (2014, apud BATICINI, 2019), entretanto, é importante enfatizarmos que a cultura, apesar de fruto de saberes transmitidos, é uma realidade em movimento, uma vez que, apesar de composta por traços interiorizados pela memória, é reconstituída e remodelada pelos indivíduos que, a partir dela, atuam na sociedade.

Ademais, nas feiras de Alfenas-MG, de modo geral, no que diz respeito aos alimentos, constata-se a presença de comercialização das verduras, brócolis, couve, couve-flor, alho-poró, agrião, rúcula, espinafre e legumes, abóbora, abobrinha, cenoura, fava, mandioca, pimentão, rabanete, inhame, mandioquinha, nabo, etc. Além destes, também são comercializadas frutas, como banana, maçã, abacaxi, limão, melancia, melão, mamão, morango, laranja, etc. Por fim, nota-se a presença da comercialização das comidas prontas, tais como doces, churrasquinho, pastel, caldo-de-cana, pães, queijos, etc. É válido ressaltar, por fim que, em todas as feiras analisadas, nota-se a presença de objetos de vestuário, ou seja, camisetas, blusas, bermudas e sapatos, sendo comercializados.

Na feira de domingo, especificamente, de acordo com o Presidente da Associação dos Feirantes das Feiras Livres de Alfenas (AFFLA), Guilherme Fernandes Gomes, ainda atualmente, existem 450 barracas registradas, entretanto, cada feirante cadastrado tem direito a possuir dois pontos do espaço da feira livre. Cada barraca possui, segundo as regulamentações da AFFLA, 2,5 metros. Ou seja, cada feirante pode ocupar uma área de 5 metros na feira de domingo.

Ainda em consonância com Guilherme Fernandes Gomes, a feira de domingo, mesmo com a grandiosidade cultural e econômica que representa para o município de Alfenas, tem enfrentado muitos retrocessos em sua organização:

“[...] houve um retrocesso por parte da política organizacional da feira, pois, conforme ocorreram mudanças nas representações políticas, baseando-se em interesses próprios, muitos conseguiram pontos na feira em troca de votos, hoje a cadeia produtiva é muito grande, devido agricultura familiar, só que não há um protecionismo para assegurar os produtores familiares, assim como existe em outros municípios. Outras feiras, que são de outros lugares, só trabalham pessoas do município”. (GOMES, 2023)

Assim, a partir da fala do presidente da Associação, por falta de uma política que assegurasse a permanência no campo e o trabalho do produtor rural, muitas pessoas do município deixaram de ocupar espaços na feira, o que leva à diminuição das arrecadações econômicas da cidade e à desvalorização cultural. Nesse sentido, para Flores, a pandemia, associada à falta de fiscalização, foi um agente que impulsionou esse processo.

Por fim, é relatado também pelo presidente da AFFLA que muitos “ceaseiros”, que não produzem, compram as mercadorias nos centros de distribuição e vendem livremente na feira de domingo, o que demonstra um processo de descaracterização e expropriação do produtor familiar da feira. Todavia, de acordo com as palavras do próprio presidente: “se tirarmos a agricultura familiar de Alfenas, a cidade para”. Ou seja, muito embora os produtores enfrentem uma série de dificuldades e, em muitos casos, não sejam valorizados, a agricultura familiar é de suma importância para o desenvolvimento econômico e alimentação da população de Alfenas.

À título de identificação, observemos, no mapa abaixo, a posição geográfica de cada uma das feiras analisadas no presente trabalho.

Imagem 2 – Mapa Localização das Feiras Livres do município de Alfenas-MG analisada



Fonte: Google Earth, 2023.

4.2 As feiras livres sob a ótica dos produtores

4.2.1 A feira livre da praça Rachid Bichara Saliba (quarta-feira)

As entrevistas realizadas na feira livre de quarta-feira, feitas com o intuito de levantar dados a fim de criar um perfil dos agricultores e comerciantes locais, foram realizadas com vinte e dois feirantes. Como resultado dos questionários, foram obtidas informações relacionadas ao gênero, à origem dos produtos comercializados (quem vende também produz?), à residência dos feirantes, à procedência dos itens, por fim, à utilização (ou não) de agrotóxicos nos alimentos. Isto posto, é oportuno enfatizarmos que, catalogando os dados obtidos, objetivamos, sobretudo, identificar quantos vendedores são, também, produtores familiares. A partir das respostas dos entrevistados, foram construídos gráficos, que serão posteriormente analisados.

O gráfico 1, de gênero, buscou analisar a quantidade de homens e mulheres que trabalhavam nas feiras, com intuito de descobrir se, nestas, assim como no campo, está ocorrendo o processo de masculinização. Segundo Costa e Valle (2015), o processo de masculinização, em andamento nas regiões de campo brasileiras, ocorre em decorrência da modernização nos processos produtivos e, também, do crescente êxodo rural feminino, ou seja, da quantidade de mulheres que, devido à falta de oportunidades de trabalho na área rural e em busca de melhores condições de vida (sociais e econômicas) migra para as cidades.

Isto posto, de acordo com a pesquisa realizada no presente trabalho, diagnosticamos a presença de um maior número de homens trabalhando na feira-livre de quarta-feira, sendo doze do gênero masculino e dez do feminino (gráfico 5).

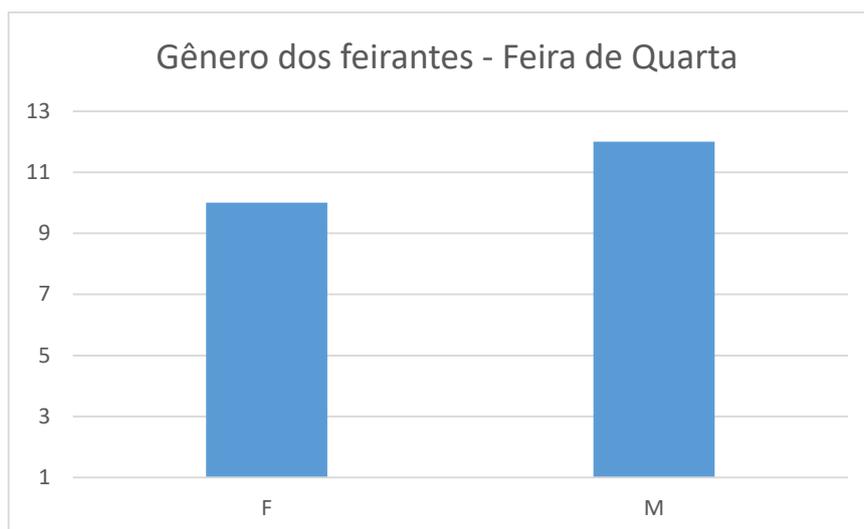


Gráfico 5 – Gênero dos feirantes na Feira Livre de Quarta-feira, 2023.

Elaboração: O autor.

No que diz respeito à quantidade de pessoas que trabalham por barraca na feira de quarta-feira, constatamos que seis, das vinte e duas barracas catalogadas, possuíam apenas uma pessoa trabalhando, enquanto em onze barracas haviam duas pessoas comercializando alimentos. Nas últimas cinco, por sua vez, observou-se três pessoas trabalhando nas vendas dos alimentos. Com isso, podemos dizer que, dos vinte e dois entrevistados, obtivemos um dado de que, na feira de quarta-feira, pelo menos quarenta e três trabalhadores possuem ocupação na comercialização de alimentos. Isso demonstra o quão importante é a presença da feira-livre para a economia local e também para circulação de mercadorias dos produtores familiares (Gráfico 6).

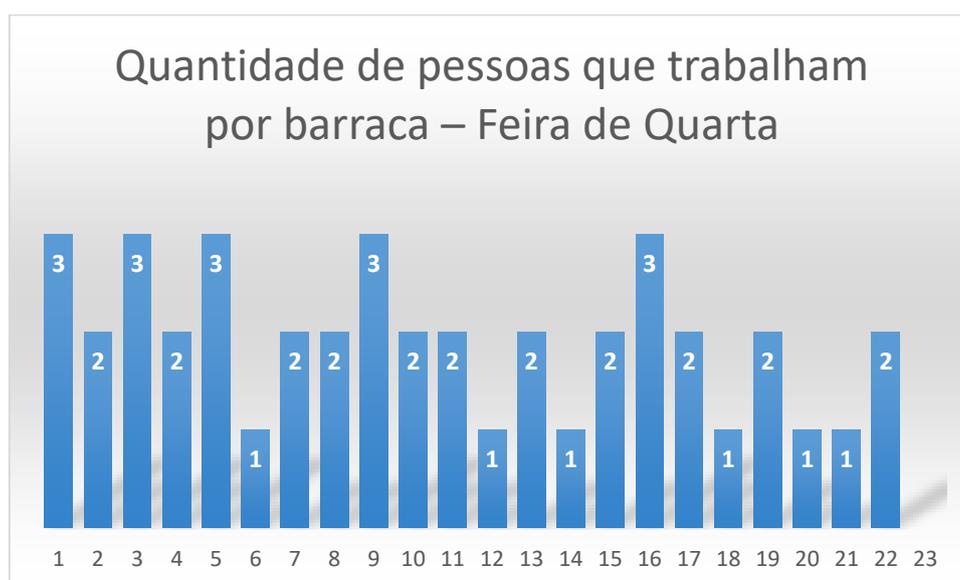


Gráfico 6 – Quantidade de trabalhadores por barraca na Feira Livre de Quarta-feira, 2023. Elaboração: O autor.

No que diz respeito à produção (ou não) de alimentos pelos feirantes, constatamos que apenas três, dos vinte e dois entrevistados, afirmaram não produzir os alimentos comercializados em suas barracas, enquanto os outros dezenove afirmaram ser produtores dos itens que comercializam. Pode-se dizer, portanto, que, de acordo com a fala dos entrevistados, na feira da “Praça da Saliba”, a presença de agricultores familiares é maior do que a presença de atravessadores. Observemos os resultados expressos na tabela 1.

Tabela 1 – Características dos feirantes e dos alimentos vendidos na Feira Livre de Quarta, 2023.

PERGUNTAS	SIM	NÃO
Com relação à produção (Agricultor Familiar ou Não)	19	3
Com relação à pluriatividade	6	16
Com relação à participação em outras feiras	15	7
Com relação à residência (Reside na área rural?)	13	9
Com relação à origem dos alimentos (Conhece a origem do alimento produzido?)	19	3

Elaboração: O autor.

Além disso, a partir das perguntas feitas aos feirantes, também constatamos que, dentre os vinte e dois entrevistados, dezesseis afirmaram não possuir outra atividade remunerada, ou seja, não ser pluriativos. Os outros seis, por sua vez, afirmaram que, além da venda dos itens na feira, possuíam outra remuneração, não vinculada à produção e a comercialização de alimentos. Constatamos, portanto, mais uma vez, que, na feira da “Saliba”, a maior parte dos vendedores, além de produtores dos alimentos, trabalham só com as culturas agrícolas e com a venda dos itens.

Ademais, quando questionados a respeito da participação em outras feiras, sete responderam negativamente, ou seja, afirmaram que só participavam da feira livre de quarta-feira. Os outros quinze entrevistados, por sua vez, responderam que sim, que participavam de outras feiras livres, dentro e fora da cidade de Alfenas. Em continuidade, no que tange à moradia, enquanto nove entrevistados afirmaram residir na área urbana, treze disseram que vivem na zona rural. Isso demonstra, que, não necessariamente, no mundo contemporâneo, o perfil do produtor de alimentos está associado ao ambiente rural.

No que diz respeito à origem dos alimentos comercializados, apenas três comerciantes da feira de quarta-feira informaram não conhecer a procedência da origem dos alimentos vendidos, sendo estes, também, não agricultores familiares, pois compravam dos CEASAS. Já os outros dezenove vendedores afirmaram conhecer a procedência dos alimentos vendidos, pois eram os próprios produtores dos alimentos comercializadas nas barracas.

Por fim, no que concerne ao último quesito das entrevistas, ou seja, à utilização de agrotóxico nos produtos comercializados, treze responderam não utilizar qualquer tipo de agente químico nos seus alimentos, outros quatro informaram não saber, pois não eram produtores dos alimentos vendidos, e outros quatro responderam que sim, que utilizavam alguns tipos de agrotóxicos nos seus alimentos a fim de auxiliar no crescimento das culturas ou para combater pragas nas plantações. Observemos como esses resultados são expressos no gráfico 7.

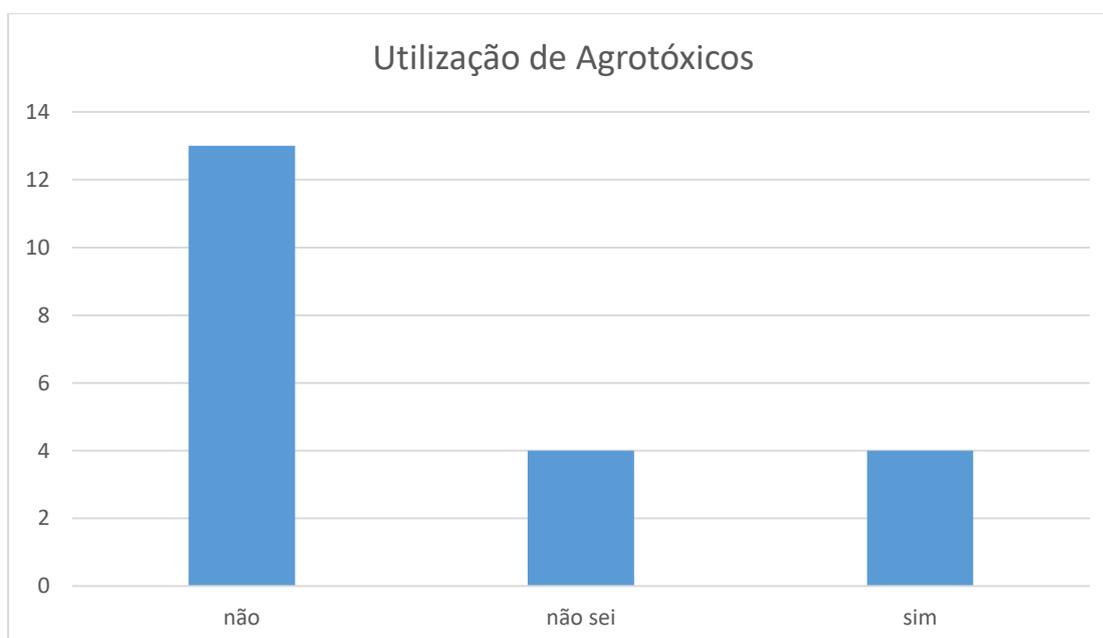


Gráfico 7 – Utilização de agrotóxicos nos alimentos vendidos na Feira Livre de Quarta, 2023.

Elaboração: O autor.

4.2.2 A feira livre do Bairro Pinheirinho (Sábado)

Na Feira livre de Sábado, mais uma vez, utilizamos o método de entrevista semiestruturada. Nesse contexto, foram obtidos dados a respeito do gênero, de outras ocupações remuneradas, da residência (área rural ou cidade), da procedência dos alimentos, da participação em outras feiras e da utilização de agrotóxicos (ou não) na produção dos produtos comercializados.

A título de explicação, na feira localizada no bairro do Pinheirinho, das 30 barracas, foram entrevistados vinte e cinco feirantes, sendo quatorze mulheres e onze homens. Esse número demonstra que, quando comparada à feira da praça da Saliba, na feira livre de sábado, há um maior número de pessoas do gênero feminino trabalhando. Além disso, constatou-se que, dentre a quantidade de trabalhadores por barraca, apenas oito contavam com mais de um trabalhador. Nestas oito, a maioria das duplas era formada por duas mulheres e a minoria por um casal.

As imagens abaixo retratam duas das barracas de comercialização de alimentos da feira do Pinheirinho:

Imagem 3 – Barraca de alimentos da Feira Livre de Sábado



Fonte: Arquivo Pessoal

Imagem 4 – Barraca de alimentos da Feira Livre de Sábado



Fonte: Arquivo Pessoal

Outro ponto que a pesquisa buscou abordar foi a questão de quem era produtor familiar e de quem não era. Dos vinte e cinco entrevistados, nove responderam que não eram agricultores familiares e que compravam os alimentos ali comercializados, já outros dezesseis afirmaram ser produtores familiares. A partir da pergunta relacionada à outra ocupação remunerada, ou seja, à pluriatividade, foi constatado que dezesseis, dos vinte e cinco entrevistados, não possuíam outro tipo de renda, ou seja, suas únicas ocupações eram a agricultura e a comercialização dos produtos produzidos. Outros nove, por sua vez, responderam que possuíam outro tipo de ocupação remunerada, ou seja, que eram pluriativos.

Ademais, também buscou-se compreender quantos dos produtores residiam na área rural e urbana. Nesse aspecto, dos vinte e cinco entrevistados, dez responderam não residir na área rural e, sim, na área urbana, já outros quinze disseram viver na área rural. Com isso, percebe-se que nem todos os feirantes ou produtores, obrigatoriamente, moram no campo.

Isto posto, observemos como esses números aparecem nos gráficos construídos com fins quantitativos.

O gráfico 8 representa a distribuição dos feirantes no que diz respeito ao gênero.

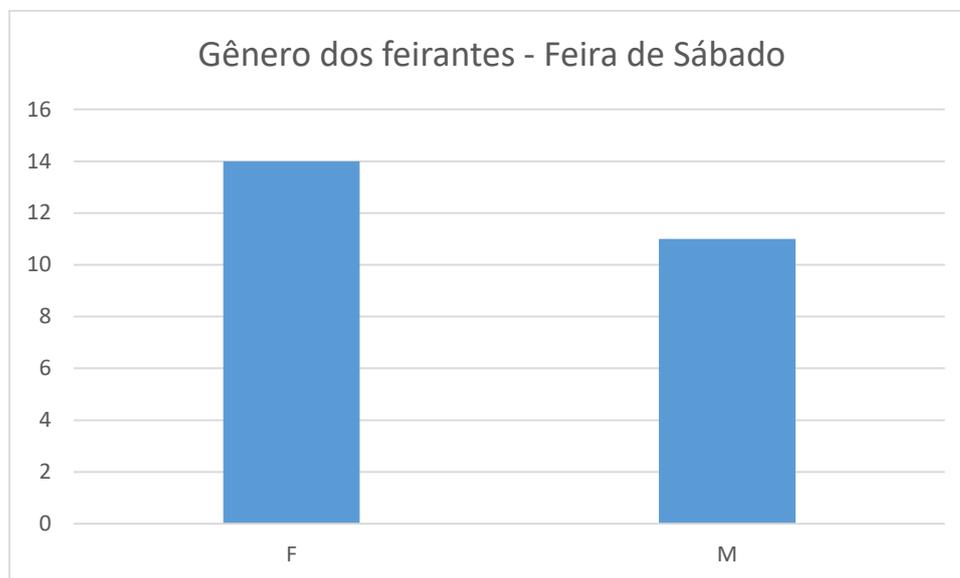


Gráfico 8 – Gênero dos feirantes na Feira Livre de Sábado, 2023

Elaboração: O autor.

Observemos, no gráfico abaixo (9), como a relação de trabalhadores por barraca foi diagnosticada a partir dos questionários aplicados aos comerciantes na feira livre de sábado, no bairro do Pinheirinho.

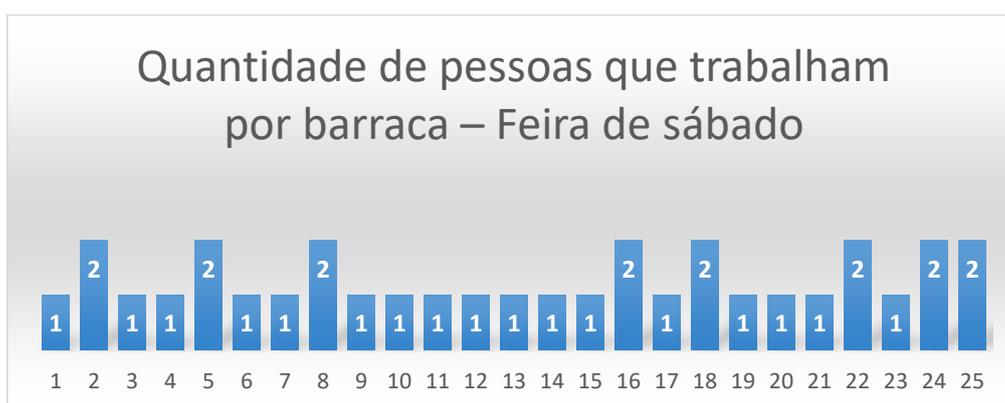


Gráfico 9 – Quantidade de trabalhadores por barraca na Feira Livre de Sábado, 2023.

Elaboração: O autor.

A tabela 2, exposta abaixo, por fim, abaixo tem por finalidade representar, como, de forma geral, são expostos os resultados das entrevistas realizadas na feira-livre de sábado. A princípio, retomando as análises anteriormente expostas, podemos observar, com a primeira pergunta feita aos entrevistados, isto é, se estes eram produtores familiares ou não, que dezesseis, dos vinte e cinco entrevistados, afirmaram que sim, que eram produtores dos alimentos comercializados na feira-livre de sábado, enquanto os outros nove restantes responderam não ser produtores familiares. Mais uma vez, quando perguntados se possuíam outro tipo de ocupação que não fosse a venda de produtos na feira-livre ou algo vinculado à agricultura, nove responderam que sim, que tinham outro tipo de ocupação como complemento de renda, sendo qualquer outro tipo de serviço, já os outros dezesseis afirmaram não possuir outro tipo de ocupação remunerada, ou seja, que somente trabalhavam com a produção e comercialização de alimentos na feira-livre.

Outro aspecto analisado via entrevistas com os feirantes relaciona-se à participação dos mesmos em outras feiras-livres: dos vinte e cinco entrevistados, treze afirmaram participar de outras feiras, dentro e fora da cidade, já outros doze feirantes disseram não participar de outra feira-livre, somente a de sábado de manhã. Além disso, ressaltando, quando abordados a respeito da área de residência, quinze feirantes afirmaram residir na área rural, dentro e fora do município, enquanto outros dez afirmaram morar na área urbana não apenas de Alfenas-MG, mas de outros municípios próximos. Isso demonstra que, ao menos na feira do Pinheirinho, grande parte dos produtores reside no campo.

Quando perguntado aos feirantes se eles conheciam a origem dos alimentos ali comercializados, vinte e dois, dos vinte e cinco que se dispuseram a responder as perguntas, disseram conhecer a origem dos alimentos, pois eram produzidos por eles ou, quando não, sabiam a procedência de onde compravam. Entretanto, três dos feirantes entrevistados não souberam informar a procedência dos alimentos comercializados, ou não tinham exatidão de onde realmente vinham.

Tabela 2 – Características dos feirantes e dos alimentos vendidos na Feira Livre de Sábado, 2023.

PERGUNTAS	SIM	NÃO
Com relação à produção (Agricultor Familiar ou Não)	16	9
Com relação à pluriatividade	9	16
Com relação à participação em outras feiras	13	12
Com relação à residência (Reside na área rural?)	15	10
Com relação à origem dos alimentos (Conhece a origem do alimento produzido?)	22	3

Elaboração: O autor.

Por fim, além das questões acima, foi perguntado aos feirantes se utilizavam algum tipo de agrotóxico na produção dos alimentos comercializados por eles na feira-livre de sábado. Sobre esse ponto, doze afirmaram utilizar ou saber que era utilizado algum tipo de agrotóxico nos alimentos vendidos, dez responderam não utilizar qualquer tipo de agrotóxico nas suas plantações e outros três disseram não saber se era utilizado algum tipo de agrotóxico, pois não conheciam, de forma concreta, a origem dos alimentos comercializados nas suas barracas.

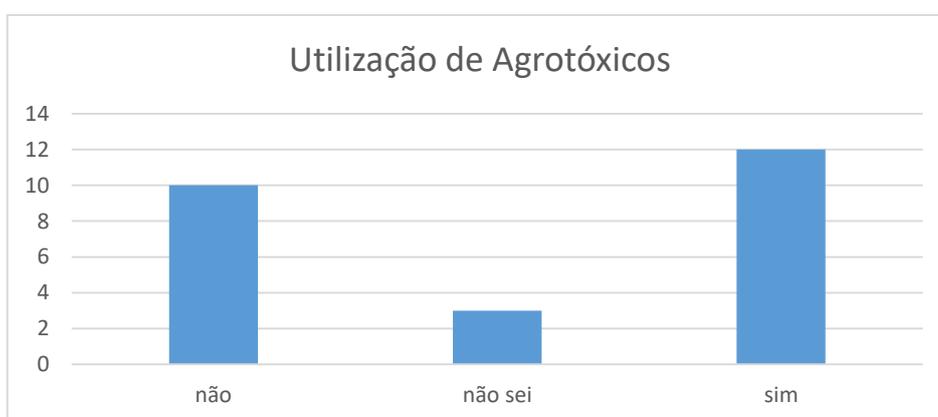


Gráfico 10 – Utilização de agrotóxicos nos alimentos vendidos na Feira Livre de Sábado, 2023

Elaboração: O autor.

4.2.3. A feira livre do Centro (Domingo)

A feira livre de domingo, diferentemente das outras duas analisadas, possui grande extensão territorial, e, por isso, conta com um número maior de barracas, uma infraestrutura mais robusta, maior diversidade de alimentos comercializados e, também, com um maior número de feirantes e frequentadores, chegando, segundo dados do Jornal da EPTV (2019), a concentrar 20 mil pessoas aos finais de semana. Dito isso, segundo dados obtidos com o presidente da AFFLA Associação dos Feirantes das Feiras Livres de Alfenas, Guilherme Fernandes Gomes, à feira de domingo, quando organizada junto ao Ministério Público, foi estabelecido uma região de início, meio e fim, pois, por sua localização em uma área central da cidade, uma expansão infinita da feira-livre seria prejudicial não apenas à mobilidade urbana da cidade, mas também aos moradores que residem em regiões próximas. Além disso, é válido ressaltar que a feira central, de domingo, desde 2019, é considerada patrimônio cultural da cidade, isto é, possui importância material e imaterial no que diz respeito à economia, à cultura e à sociedade local.

A imagem abaixo retrata uma das barracas de comercialização de alimentos da feira central de Alfenas-MG:

Imagem 5 – Barraca de alimentos da Feira Livre de Domingo



Fonte: Arquivo Pessoal

Isto posto, uma vez que se trata de uma das maiores feiras livres do sul mineiro, conseguiu-se uma gama maior de informações. No que diz respeito às entrevistas com os feirantes propriamente ditos, cinquenta e um comerciantes aceitaram responder aos questionários. No que concerne ao gênero dos entrevistados, obtiveram-se os seguintes dados: trinta dos feirantes entrevistados eram do gênero feminino, já os outros vinte e um do gênero masculino. Em comparação com as outras feiras livres, de quarta e sábado, o número de mulheres na feira livre de domingo demonstrou um maior percentual. Claro, tendo em vista que a feira de domingo possui um número mais elevado de barracas e feirantes. Mas, mesmo com esse aspecto, é possível evidenciar que, assim como nas outras feiras, o número de mulheres que comercializam produtos no domingo é relevante e a produção familiar ainda é grande.

Observemos como os dados obtidos foram organizados em gráficos.

O gráfico 11, retrata a distribuição dos entrevistados no que tange ao seu gênero.

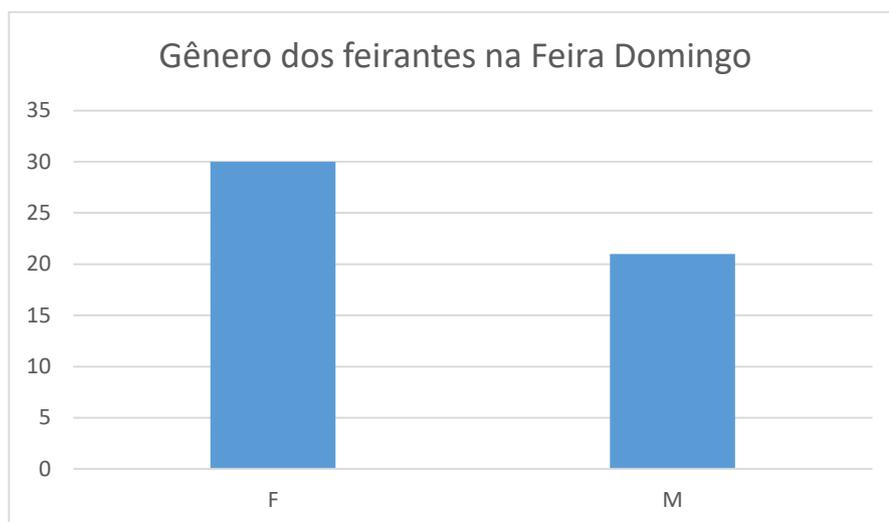


Gráfico 11 – Gênero dos feirantes na Feira Livre de Domingo, 2023.
Elaboração: O autor

No que tange à quantidade de pessoas que trabalham por barracas na feira-livre de domingo, a partir de uma análise do gráfico abaixo, é possível constatar que, dos cinquenta e um feirantes entrevistados, em trinta e uma das barracas trabalhavam apenas uma pessoa. Nas outras dezoito, por sua vez, trabalhavam cerca de duas pessoas e em apenas uma das barracas três pessoas estavam trabalhando. Com isso, nota-se que, com as entrevistas realizadas, obtivemos dados de setenta indivíduos trabalhando com comercialização de alimentos na feira livre de domingo.

Vejamos como esses dados aparecem no gráfico 12.

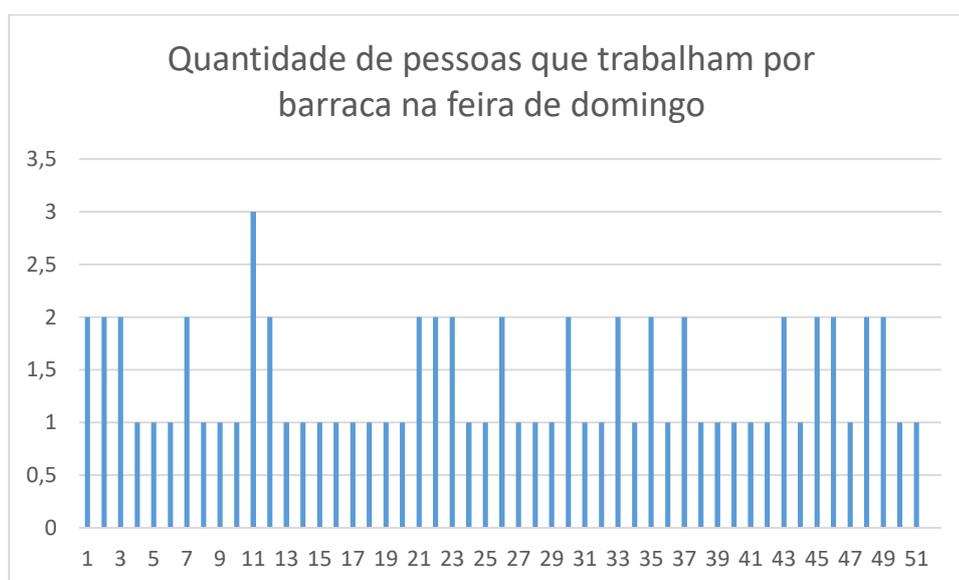


Gráfico 12 – Quantidade de trabalhadores por barraca na Feira Livre de Domingo, 2023. Elaboração: O autor

Outrossim, com dados obtidos com a entrevista na feira-livre de domingo, foi elaborada uma tabela. Primeiramente, baseando-se nas entrevistas, foi verificado que trinta e seis, dentre os cinquenta e um entrevistados, eram produtores familiares, ou seja, comercializavam na feira os produtos que eles mesmo plantavam. Nesse sentido, apenas quinze disseram não pertencerem a agricultura familiar. Desse grupo, muitos compravam os alimentos vendidos em suas barracas de outros produtores ou, ainda, de centros de distribuição.

Ademais, assim como realizado nas outras feiras, buscamos descobrir quantos feirantes tinham outro tipo de renda que não vinha da produção ou comercialização de alimentos. No espaço da feira de domingo, vinte e dois comerciantes disseram possuir outro tipo de ocupação remunerada além da venda e produção de alimentos, ou seja, serem pluriativos. Outros vinte e nove, por sua vez, responderam não ter outro tipo de trabalho que não seja vinculado à produção de alimentos para comercialização. Além disso, foi perguntando, também, se estes feirantes entrevistados participavam de outra feira livre além da de domingo: vinte e quatro afirmaram participar de outras feiras, dentro e fora da cidade, e outros vinte e sete feirantes responderam não participar de outra, somente da de domingo.

Ainda mais, quando perguntado aos feirantes entrevistados se residiam na área rural, vinte e oito responderam afirmativamente, ou seja, que residiam na zona rural de Alfenas-MG ou de outros municípios próximos. Outros vinte e três, no que lhes concerne, responderam não residir na área rural, sendo em Alfenas ou na cidade de origem. Com isso, podemos observar que nem todos os feirantes ou agricultores familiares residem na área rural, o que indica um outro tipo de perfil do agricultor familiar. Além disso, outra característica observada baseando-se nas entrevistas foi a origem dos alimentos que comercializavam, Nesse aspecto, quarenta e quatro dos feirantes disseram saber a origem dos alimentos vendidos por elas, sendo que, destes, muitos produziram desde a plantação até a comercialização e outros informaram comprar de pessoas que produziam e até mesmo de centros distribuidores.

Vejamos como essas perguntas foram organizadas na forma de tabela 3.

Tabela 3 –Características dos feirantes e dos alimentos vendidos na Feira Livre de Domingo, 2023.

PERGUNTAS	SIM	NÃO
Com relação à produção (Agricultor Familiar ou Não)	36	15
Com relação à pluriatividade	22	29
Com relação à participação em outras feiras	24	27
Com relação à residência (Reside na área rural?)	28	23
Com relação à origem dos alimentos (Conhece a origem do alimento produzido?)	44	7

Elaboração: O autor.

Por fim, quando perguntado aos feirantes se, no processo de produção dos alimentos, era utilizado algum tipo de agrotóxico, trinta informaram não utilizar qualquer tipo de agrotóxico em seus alimentos. Outros dezesseis, por sua vez, disseram utilizar algum tipo de agrotóxico, sendo para auxiliar no crescimento ou para evitar certas pragas nas plantações e outros cinco responderam não saber se era utilizado algum agente químico ou biológico no processo de produção dos alimentos. Vejamos como esses dados encontram-se dispostos no gráfico 13, abaixo.

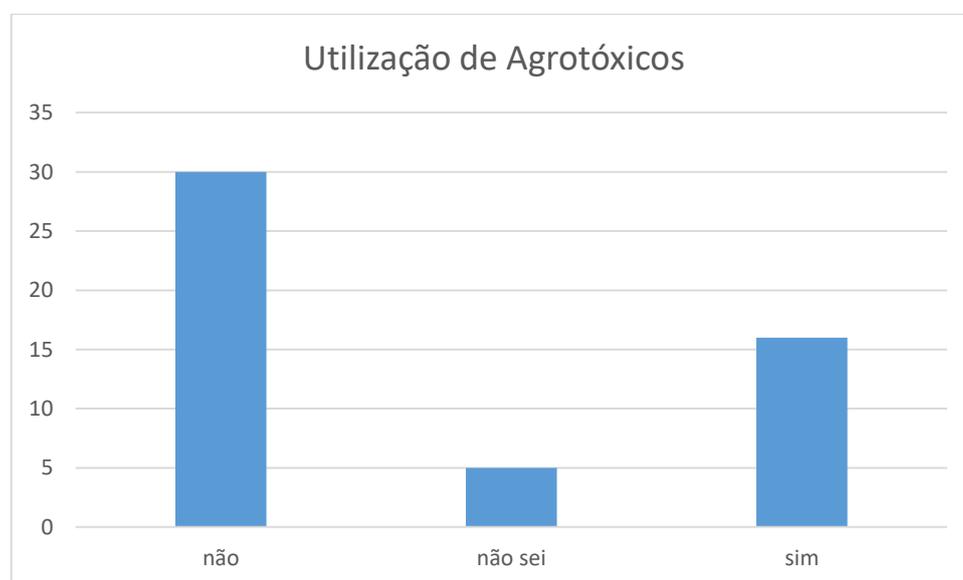


Gráfico 13 – Utilização de agrotóxicos nos alimentos vendidos na Feira Livre de Domingo, 2023.

Elaboração: O autor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, com o intuito de realizar as considerações finais deste trabalho, traremos algumas reflexões sobre as três feiras livres analisadas. Primeiramente, é válido ressaltar que, com as entrevistas, objetivou-se demonstrar as particularidades de cada feira visitada para a formulação dessa pesquisa. Isto posto, a partir das respostas obtidas com os questionários, fomos capazes de traçar um parâmetro dos produtores de alimentos das feiras de Alfenas-MG, constatando o que, anteriormente, era suposição para essa pesquisa: que nem todos os comerciantes de alimentos nas feiras produziam os itens que comercializam. Uma vez estabelecida esta constatação, buscamos esclarecer e demonstrar, em gráficos e tabelas, esta diferenciação entre o produtor de alimentos e o comerciante que compra em centros de distribuição e afins, pois, isto é, de fundamental importância para compreendermos a logística existente nas feiras de Alfenas, não somente no âmbito econômico, mas também, cultural, organizacional e estrutural.

Além disso, é oportuno enfatizar que, com relação aos dados coletados nas feiras livres, utilizamos, para a formulação das estatísticas, dos gráficos e das tabelas, as respostas dos feirantes, e não certificados de qualidade e de origem dos produtos. Isso significa que nossas análises foram constituídas, sobretudo, pelas afirmações e entendimentos dos próprios comerciantes.

Ademais, conseguiu-se caracterizar, com o presente trabalho, como as relações com quem se identifica como agricultor familiar e comercializador dos alimentos que produz diferem-se daquelas dos compradores dos itens que revendem. O produtor familiar demonstra mais familiarização com os alimentos, até mesmo uma afetividade maior na hora de descrever os processos de como são produzidos. Os revendedores, por sua vez, aparentam enxergar os alimentos comercializados apenas como um meio de adquirir renda, já que, ao contrário do produtor, não viu crescer toda sua plantação e não passou pelos processos de trabalho e tempo inseridos na produção dos alimentos.

Outrossim, demonstramos, também, como a produção de alimentos pela agricultura familiar e comercialização destes nas feiras livres é de fundamental importância não somente para quem produz e vende, mas também para toda cadeia de consumidores que vão à feira comprar seus alimentos, já que existe toda uma atmosfera de contemplação e identificação com o ambiente da feira e com os produtos encontrados ali, que remetem a uma identidade pessoal de cada indivíduo que frequenta esse espaço, o que se torna nítido quando observamos as inúmeras relações no espaço da feira livre,

cada uma com sua particularidade, de acordo com os horários, extensões territoriais e limites estruturais.

Isto posto, concluímos nossas análises afirmando que muitos desses circuitos só são possíveis devido à produção de alimentos pela agricultura familiar e à venda destes nos ambientes de feira livre, pois, nesses espaços, não apenas a relação com o alimento, mas as próprias dinâmicas socioculturais se diferem daquelas que, por exemplo, podem ser visualizadas nos grandes supermercados. Por isso, diante do avanço da industrialização e da crescente mecanização na produção de alimentos, é primordial que preservemos esses espaços que guardam um grande leque de variabilidade sociocultural e também de sociabilização dos sujeitos sociais.

Assim, frente aos avanços tecnológicos-industriais, que, pouco a pouco, nos encaminham para uma artificialização até mesmo dos alimentos, proteger modelos de produção como a agricultura familiar é de suma importância para que não nos lancemos num abismo artificial no qual se tornam invisíveis nossas identidades e afetividades. Demonstrar a importância da agricultura familiar, nesse sentido, é proteger toda uma herança cultural de saberes e fazeres que, aos poucos, se perdem devido à massiva desarticulação das políticas públicas que protegem e auxiliam os agricultores familiares na manutenção de seus modos tradicionais de vida.

REFERÊNCIAS

ALVES, Flamarion D. A escala de análise na geografia agrária: tendências pesquisas brasileiras. **Territorium Terram**. v.1, n.1, p.60-71, 2013.

ALVES, Flamarion D. Cidades Pequenas No Sul de Minas Gerais: Ruralidades Presentes no Território. In: FERREIRA, Marta Marujo; VALE, Ana Rute do (org.). **Dinâmicas Geográficas no Sul de Minas Gerais**. Alfenas-Mg: Appris, 2018. p. 15-267.

ALVES, Flamarion D. Apontamentos teórico-metodológicos sobre a ruralidade. **Revista Rural & Urbano**. Recife. v. 06, n. 01, p. 27-46, 2021.

ARAÚJO, J, S, B. Análise sociocultural do espaço periurbano entre Campina Grande e Lagoa Seca, Paraíba. **Revista Campo-Território**, [S.L.], v. 9, n. 19, p. 508-530, 31 out. 2014. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia.

ASBRAER – **Quem produz os alimentos que chegam à mesa do brasileiro? .** Disponível em: <http://www.asbraer.org.br/index.php/rede-de-noticias/item/3510-quem-produz-os-alimentos-que-chegam-a-mesa-do-brasileiro#:~:text=Quando%20se%20consideram%20alimentos%20consumidos,%2C%20milho%2C%20leite%2C%20batata>. Acesso em: 10 de Jul. de 2023.

BATICINI, Camila Turmina. **Cultura, Alimento e Identidade: A Produção Familiar na Feira Livre de Domingo em Alfenas - Mg**. 66 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Geografia, Instituto de Ciências da Natureza, UNIFAL-Mg, Alfenas, 2019

BURITI, M, M, S dos; SILVA, A, B, da. Da subordinação do camponês à sujeição da agricultura familiar no agronegócio da avicultura de corte. **Revista Campo-Território**, [S.L.], v. 12, n. 28, p. 75-93, 31 dez. 2017. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22296/2317-1529.2011v13n2p153>. Acesso em: 27 ago 2022

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. *Estudos de Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 53-75, dez. 2013.

CASTRO, I, E de. O problema da escala. p.117-140. In: CASTRO, I.E; GOMES, P.C.C; CORRÊA, R.L. **Geografia: Conceitos e temas**. 2 ed, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CODIGNOLE, Rita de Cássia. **Importância Econômica da Agricultura Familiar no Município de Alfenas/Mg: o Caso das Feiras Livres**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Geografia Licenciatura), Instituto de Ciências da Natureza, Unifal-Mg, Alfenas, 2011.

CORRÊA, P, S, G; WENCESLAU, P; VASCONCELOS, E; ASSIS, T. Contextualização da agricultura familiar: um relato de experiência. **Revista Campo-Território**, [S.L.], v. 13, n. 31, p. 303-311, 30 dez. 2018. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia.

COSTA, Alfredo; MATOS, Ralfo Edmundo da Silva; VALLE, Matheus Henrique Fernandes. Análise dos processos de masculinização no meio rural os municípios brasileiros segundo porte populacional e grau de modernização da agropecuária. **Revista Campo-Território**, [S.L.], v. 10, n. 21, p. 271-292, 1 abr. 2016.

DE OLIVEIRA FERREIRA, Darlene A. Geografia Agrária no Brasil: conceituação e periodização. **Terra Livre**, n. 16, p. 39-70, 2001.

EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia.
<http://dx.doi.org/10.14393/rct102130099>.

ELIAS, Denise. Agronegócio e novas regionalizações no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, [S.L.], v. 13, n. 2, p. 153, 30 nov. 2011. *Revista*

FLORES, G, G. **Questões socioeconômicas e culturais da feira livre de domingo, Alfenas-MG**. Entrevista concedida a CHEESMAN, I, B, N, do. 07 Jul., 2023.

G1, EPTV. Feira Livre é tombada como patrimônio cultural imaterial de Alfenas, MG: Feira que acontece há 60 anos movimentará R\$ 50 mil no fim de semana e atrai 20 mil pessoas em uma manhã. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/sul-deminas/noticia/2019/08/26/feira-livre-e-tombada-como-patrimonio-cultural-imaterial-dealfenas-mg.ghtml>. Acesso em: 30 ago. 2022

IBGE. CIDADES E ESTADOS. 2021. Disponível em:
<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/alfenas.html>. Acesso em: 30 ago 2022

MORAES, Antonio Carlos Robert. O Sertão. *Terra Brasilis*, [S.L.], v. 3, n. 4-5, p. 1-8, 1 jan. 2003. OpenEdition. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4000/terrabrasilis.341>. Acesso em: 27 ago 2022

O ALFENENSE. Safra de Grãos 2020/2021 tem estimativa de crescimento de 13,1% no estado. 2021. Disponível em:
<https://www.oalfenense.com.br/noticia/1086/safra-de-graos-2020-2021-temestimativa-de-crescimento-de-13-1-no-estado>. Acesso em: 27 ago 2022

OLIVEIRA, Katrine C. **A feira livre de domingo da cidade de Alfenas**: pertencimento, resistência e padronização. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Geografia Licenciatura), Instituto de Ciências da Natureza, UNIFAL-MG, Alfenas, 2015.

PAIXÃO, M, E; MERA, C, M, P, de; DIVERIO, T, S, M. Reprodução da agricultura familiar frente ao modelo de desenvolvimento agrícola regional. **Revista Campo-Território**, [S.L.], v. 10, n. 20, p. 153-179, 12 ago. 2015. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia.

PREFEITURA DE ALFENAS. Resgate da Festa de Santos Reis foi um sucesso de público. 2020. Disponível em: <http://www.alfenas.mg.gov.br/resgate-da-festa-desantos-reis-foi-um-sucesso-de-publico/>. Acesso em: 30 ago .2022.

Prefeitura Municipal de Alfenas - **Feira Livre é patrimônio cultural imaterial de Alfenas**. Disponível em: <http://www.alfenas.mg.gov.br/feira-livre-e-patrimonio-cultural-imaterial-de-alfenas/> Acesso em: 19/12/2022.

REVISTA CAMPO-TERRITÓRIO. Uberlândia: EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2023. Quadrimestral. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/aboutv>. Acesso em: 25 jun. 2023.

RUA, João. Urbanidades no rural: o dever de novas territorialidades. *Revista de Geografia Agrária, Uberlândia*, v. 1, n. 1, p. 86-106, fev. 2006

SANTOS, B, Moura, dos; MERA, C, P, de. Políticas públicas e o desenvolvimento da agricultura familiar no município de Pejuçara-RS. **Revista Campo-Território**, [S.L.], v. 11, n. 22, p. 271-290, 2 dez. 2016. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia.

SILVA, M, R do; QUEIROZ, E, D de. A feira vai à universidade: análises e perspectivas do projeto da feira de agricultura familiar na ufrj/im. **Revista Campo Território**, [S.L.], p. 365-374, 30 abr. 2019. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia.

SCHNEIDER, Sergio; NIEDERLE, Paulo André. Agricultura familiar e teoria social: a diversidade das formas familiares de produção na agricultura. Savanas: desafios e estratégias para o equilíbrio entre sociedade, agronegócio e recursos naturais. Planaltina, DF: **Embrapa Cerrados**, p. 989-1014, 2008.

VEIGA, José Eli da. Nem tudo é urbano. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 26-29, jun. 2004